

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 7 a 13 de outubro 1960

Nº 84

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr.

Diretor — Mário Alves

Redator-Chefe — Fragmon Borges

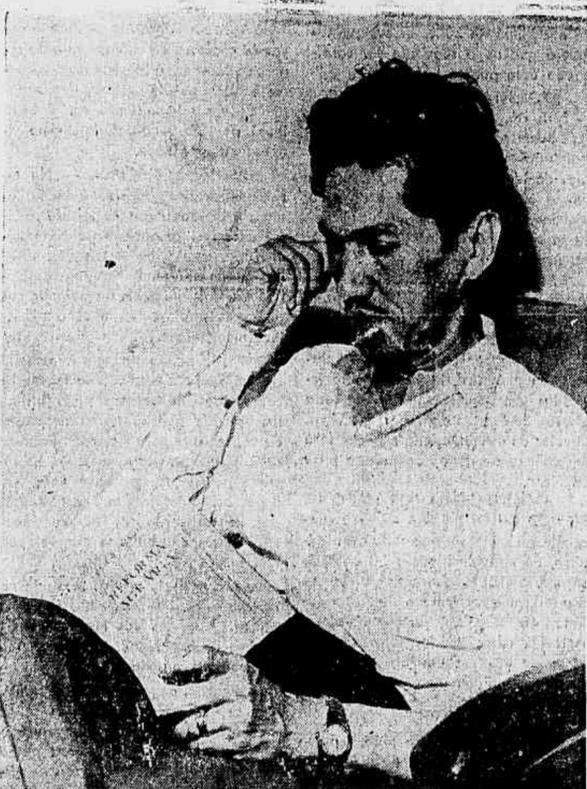
Movimento Nacionalista Avançou Com as Eleições

O **ÍNDICE** de participação nas eleições mostra o grande interesse que o pleito despertou. E esse interesse é igualmente revelado pela imensa curiosidade existente em torno dos resultados da apuração (foto ao lado). A verdade é que a campanha eleitoral foi, no seu conjunto, um importante fator de educação política do nosso povo. Os problemas fundamentais da Nação foram colocados em debate. As forças nacionalistas se apresentaram mais unificadas, determinando o conteúdo principal da campanha, que teve como divisor das duas mais fortes candidaturas a posição assumida na luta pela completa emancipação do país. Nosso povo deu, assim, um passo à frente. Novas posições foram conquistadas para que a luta democrática e patriótica alcance a vitória (Reportagem na 3ª página do 1º caderno)



Bancos não funcionarão amanhã

OS **BANCARIOS** cariocas deverão decretar a greve geral na assembleia de hoje à noite, se os banqueiros continuarem intransigentes, como até agora, negando-se a aceitar a proposta de conciliação formulada pelo TRE. O apoio que vem chegando de todo o país indica que a greve poderá estender-se a outros Estados. (Texto na 2ª página)



Cartilha do camponês: Julião escreve

«**DEPOIS** do «Guia», do «ABC» e do «RECADO», eu te mando, camponês, esta cartilha... Com essas palavras o deputado Francisco Julião (foto), presidente de honra das Ligas Camponesas do Nordeste inicia a «Cartilha do Camponês», importante trabalho que dedica aos trabalhadores que em todo o Brasil lutam contra a opressão terrível do latifúndio, por uma vida melhor. (Texto nas 4a. e 5a. páginas do 1o. caderno)

OPA: progresso que houve foi em palavras

APRECIANDO os resultados da Conferência Econômica de Bogotá, o sr. Augusto Frederico Schmidt, chefe da delegação brasileira, derramou-se em elogios, considerando o conclave como uma grande vitória. Em verdade, não há muito fundamento para tal euforia, pois o progresso havido, nos termos do próprio sr. Schmidt, foi «conceitual». (Leia na 2a. página do 2o. caderno)



11º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

A **1ª DE OUTUBRO** foi comemorada solenemente em Pequim a proclamação da República Popular da China, seu décimo-primeiro aniversário. Os festejos deste ano foram exclusivamente populares, sem a tradicional parada militar. Desfilaram pelas ruas de Pequim 500 mil pessoas, por entre uma multidão incalculável de habitantes da cidade e visitantes. Encontravam-se presentes delegações de 70 países, inclusive do Brasil. E duas representações ilustres: as dos governos da Birmânia (primeiro Ministro U Nu) e da República da Argélia (presidente do governo provisório, Ferhat Abbas). Em discurso, o vice-primeiro ministro chinês Tchen Y referiu-se à solidariedade indestrutível dos países do campo socialista. Enquanto isso, na ONU, Kruschiov pedia a admissão da República Popular da China. (7ª pág. 1º caderno).

BERLIM: 2 Mundos em um só

Reportagem de **FRAGMON CARLOS BORGES**

na 8ª pág.

A Luta Continuará

ORLANDO BOMFIM JR.

AS **URNAS** estão sendo abertas. É possível que, ao circular **NOVOS RUMOS**, já se apresentem definidas as tendências da apuração, o que não acontece neste momento. Não cabe, assim, fazer agora, considerações a propósito de um resultado ainda incerto. Há, entretanto, aspectos do pleito que se tornaram evidentes no decorrer mesmo da campanha. E, por outro lado, também é certo que conseqüências futuras podem sofrer a influência da vitória deste ou daquele candidato, mas propriamente não dependem desse resultado.

A **BATALHA** eleitoral colocou na ordem do dia, para o debate público, os problemas fundamentais que a Nação enfrenta. E possibilitou um amplo agrupamento de forças nacionalistas em torno da candidatura Lott-João Goulart. Daí duas conseqüências que devem perdurar, sendo ambas benéficas para o desenvolvimento futuro da situação política do país.

O **DEBATE** dos problemas nacionais permitiu que a campanha adquirisse um sentido esclarecedor para grandes massas da população. Foi feito, nas praças públicas, o retrato da espoliação a que estamos submetidos pelas empresas estrangeiras, que se nutrem do valor de nossas riquezas e do produto de nosso trabalho. E cremos não haver dúvida quanto a ter crescido a consciência de que será conquistando a plena emancipação econômica do país, livrando-o da erva daninha dos monopólios norte-americanos, que encontraremos os meios e modos de construir nosso progresso e nossa prosperidade, de elevar em todos os sentidos o bem-estar do povo.

TAMBÉM é certo que amplo foi o agrupamento de forças nacionalistas em torno da candidatura Lott-João Goulart. Setores continuaram, lamentavelmente, dispersos, o que, de uma forma ou outra, levou água ao moinho dos adversários. Mas é inegável que o movimento democrático e patriótico se unificou mais durante a disputa eleitoral, encontrando o terreno

propício a uma ação conjugada na luta pela conquista de um objetivo comum.

A **ELEVAÇÃO** da consciência popular e o reforçamento do movimento nacionalista devem atuar, qualquer que seja o resultado do pleito, como fatores permanentes na vida política do país. E sua importância ressalta quando compreendemos que as eleições, sem que se desmereça sua significação, representam apenas um episódio na grande e decisiva batalha que a Nação trava em busca de sua completa independência.

É **EVIDENTE** que a eleição dos candidatos nacionalistas trará condições mais favoráveis, alargando o caminho para novos avanços e novos êxitos. Não será, entretanto, por si só o bastante. Não significará, de modo algum, que tenhamos chegado ao fim da jornada. Sua grande importância reside, precisamente, em que possibilitará melhores condições para que a jornada prossiga.

POR OUTRO lado, o resultado contrário nas urnas jamais significaria que o caminho se tornasse intransitável. Seria, da mesma forma, um episódio, capaz de levantar barreiras e criar obstáculos, mas nunca de impedir que a marcha continuasse. Queiram ou não os retrógrados e reacionários de todos os quilates, o movimento patriótico e democrático de nosso povo é irreversível. Pode enfrentar maiores ou menores impedições, seguir em linha reta ou em ziguezague, mas avançará sempre. Ele não se apóia em razões transitórias de véspera de eleições, e sim em motivos permanentes, que são os problemas básicos da vida nacional, a exigir solução. E sua força está em que apresenta as únicas soluções que efetivamente atendem aos interesses de nosso povo.

PORTANTO, qualquer que seja o resultado das urnas, a luta continuará. E, qualquer que seja a natureza dessa luta, ela inevitavelmente será vitoriosa.

ONU NA ENCRUZILHADA:

POLÍTICA DO IMPERIALISMO CONTRA VONTADE DOS POVOS

TEXTO NA 7ª PÁGINA

BANCIÁRIOS DECIDEM: 35% OU GREVE

NEM UM CRUZEIRO SAÍRA DOS BANCOS A PARTIR DO DIA 7

A assembleia-monstro do dia 6 de corrente, no Teatro João Caetano, foi convocada pelos bancários cariocas para deflagrar a greve geral, em todos os estabelecimentos de crédito da cidade, se até lá os banqueiros não tiverem aceito a proposta conciliatória apresentada pelo presidente do Tribunal Regional do Trabalho, que lhes assegura um aumento salarial de 35%, com um mínimo de três mil cruzeiros, a partir de 1.º de setembro; aumento proporcional para os empregados com menos de um ano de casa; e continuação dos estudos para a elaboração do Contrato Coletivo de Trabalho, logo após a realização do Congresso Nacional de Bancos.

Greve nacional

A greve dos 25 mil bancários cariocas, que paralisará mais de 150 estabelecimentos de crédito do Estado da Guanabara, a partir do dia 7 de corrente, poderá ser o ponto de partida para a greve nacional no setor de crédito, uma vez que a intransigência patronal generaliza-se em todo o País. A possibilidade da extensão da greve se deve a que quase todos os acordos salariais firmados entre bancários e banqueiros terminaram entre 1.º de setembro e 1.º de outubro. Essa é uma razão. Outra, não menos importante, é que os bancários encontram-se unidos em torno de sua entidade máxima, que é a Confederação Nacional dos Empregados em Estabelecimentos de Crédito, e

a sua solidariedade à luta dos bancários cariocas vem sendo demonstrada diariamente, através de grandes assembleias e demonstrações públicas que se verificam em todo o País. Esses dois fatores são decisivos para o desencadeamento da greve nacional. Tudo depende, entretanto, da conduta dos banqueiros.

Intransigência

Mas os banqueiros, particularmente os cariocas, continuam intransigentes. Os bancários da Guanabara, demonstrando o seu propósito de evitar a paralisação dos trabalhos, e de conseguir, amigavelmente, o atendimento das suas mínimas reivindicações, abriram mão da sua proposta inicial, e resolveram aprovar, numa grande assembleia realizada na manhã do dia 30, a proposta conciliatória feita pelo presidente do Tribunal Regional do Trabalho. Essa proposta, que publicamos no início dessa reportagem, foi rejeitada pelos banqueiros, que continuam oferecendo apenas um aumento salarial de 30%, sem teto nem mínimo.

A intransigência dos banqueiros, negando-se até mesmo a atender a proposta conciliatória do TRT, levou os bancários cariocas a abrir o único caminho que lhes resta, para obterem a sua justa reivindicação: o da paralisação geral do trabalho.

Os bancários cariocas poderiam ter

deflagrado a greve no mesmo dia 30 de setembro, quando os banqueiros rejeitaram a proposta do TRT, mas não o fizeram em respeito à Justiça Eleitoral. Com isso eles deram mais uma inequívoca demonstração do seu espírito público, retardando a decretação da greve, prejudicando os seus interesses por mais alguns dias, em benefício de toda a coletividade. Mas a verdade é que eles já estavam prontos para a paralisação do trabalho.

De qualquer modo, os bancários ganharam tempo e estão sabendo aproveitar esses dias, para aperfeiçoar o seu dispositivo de greve. Os piquetes estão sendo reforçados. Os comandos de propaganda desenvolvem a sua atividade em ritmo mais intenso, e começam a atingir os demais setores profissionais, solicitando a sua solidariedade para a luta que travam contra a intransigência patronal. Essa solidariedade, aliás, já vem se fazendo sentir. Nas duas audiências de conciliação, que se realizaram no TRT, encontravam-se, prestigiando o movimento dos bancários, os dirigentes dos Sindicatos Nacionais de Aeronáuticos e Aeroviários, dos Sindicatos dos Alfaiates, Sapateiros, Metalúrgicos, e de outras entidades da Guanabara. Os bancários cariocas não estão sózinhos na sua luta. Eles contam com a solidariedade de todos os trabalhadores da cidade.

Salário Mínimo: 60% de Aumento e a Partir do Dia 1.

Não foram decretados, afinal, até 1.º de outubro, os novos níveis de salário mínimo para todo o país. O governo, que havia prometido fazê-lo, através de declarações do ministro do Trabalho, não cumpriu a promessa.

A necessidade e a justiça de um reajustamento do salário mínimo são reconhecidas por todos, tendo em vista que, desde janeiro de 1959, quando do último reajustamento, o custo de vida elevou-se em mais de 60 por cento. Em São Paulo, os patrões reconheceram a procedência da reivindicação dos trabalhadores, o mesmo ocorrendo em outros Estados. Na Guanabara, porém, o patronato reacionário, encabeçado pelo sr. Zolfo de Freitas Malmann, opôs-se de todas as maneiras à decretação dos novos níveis de salário mínimo, dificuldade que o governo não se empenhou em remover.

Solução razoável

A atitude do governo é tanto mais estranha quando, em entrevista à imprensa, o presidente da República afirmou que tem verificado estar a maioria dos principais Estados com a tendência acentuada para fixar os novos salários na base de um aumento de 30 a 60 por cento, o que considera uma solução razoável.

A excepcionalidade para a decretação dos novos salários mínimos já foi reconhecida na maioria dos Estados, tendo a Comissão de Brasília fixado em 9.600 cruzeiros o salário mínimo da nova Capital.

A vigorar do dia 1.º

Na mesma entrevista, prometeu o sr. Juscelino Kubitschek que assinaria o decreto de reajustamento até o próximo dia 15. Os trabalhadores movimentam-se no sentido de que não ape-

nas esta promessa seja cumprida — e na base de um aumento geral de 60 por cento — como também para que os novos salários mínimos vigorem desde o último dia primeiro.



Três corporações unidas para a greve

A luta pela paridade entre os vencimentos dos servidores autárquicos e militares vem unindo marítimos, portuários e ferroviários em todo o território nacional, num movimento que poderá culminar com a greve geral

Defende Teu Direito

RESCISÃO — Pode o empregado que rescinde seu contrato de trabalho, alegando falta do empregador, continuar trabalhando até a solução de sua reclamação. Pois a permanência no serviço é uma faculdade sua, tal como a suspensão do empregado, no inquérito, é uma faculdade do empregador. Ac. TST — Pleno (Proc. 3.142/54), Relator: Tostes Malta.

A rescisão, a pedido, do contrato de trabalho de empregado estável só é válida quando processada na forma do disposto no art. 500 da Consolidação das Leis do Trabalho. Ac. TST, 3a. Turma (Proc. 2.715/57), Relator: Edgard Sanchez.

O não cumprimento pelo empregador das obrigações do contrato de trabalho dá ao empregado o direito de considerá-lo rescindido e pleitear as indenizações legais. Ac. TRT, 1a. Região (Proc. 516/57), Relator: Délio Maranhão.

Rescindido o contrato pelo empregado, para pleitear indenização, não pode a Justiça, uma vez julgada improcedente a ação, restaurar o contrato de trabalho, para permitir a volta do empregado (não estável). Ac. TRT, 1a. Região (Proc. 906/53), Relator: Amaro Barreto.

RETENÇÃO DE SALÁRIO — Não provando o empregado a sua alegada despedida, e configurado o abandono de emprego, a retenção de salários para a compensação com o valor do aviso prévio não concedido, tem amparo legal. Ac. TRT, 2a. Região (Proc. 138/57), Relator: Wilson Bastalnia.

Se o empregado abandona o serviço antes do término do período de aviso prévio dado pelo empregador, é lícita a retenção do saldo de salários pelo empregador. Ac. TST, 1a. Turma (Proc. 3.603/53), Relator: Oliveira Lima.

REVERSÃO AO EMPREGO — O empregado que, ao retornar do Instituto, tem rescindido o contrato de trabalho, faz jus à indenização calculada sobre os salários que lhe seriam devidos na data da rescisão, e não sobre os salários percebidos na data do seu afastamento. Ac. TRT, 1a. Região (Proc. 789/57), Relator: Pires Chaves.

Retornando ao serviço, após lhe ser cancelada a aposentadoria, o reclamante, que antes ganhava por produção, foi atribuído salário fixo diário, ficando com remuneração inferior aos companheiros da mesma categoria. — Recurso conhecido e provido para, mantida a decisão recorrida na parte que assegurou ao empregado todas as vantagens em sua ausência atribuídas à sua categoria, reconhecer à empregadora o direito de empregar o reclamante em função compatível com a anteriormente exercida. Ac. TST, 3a. Turma (Proc. RR 426/56), Relator: Jonas de Carvalho.

O empregado afastado do serviço, com licença remunerada pelo empregador, tem direito às vantagens atribuídas à sua categoria profissional, a partir da data do retorno ao serviço. Ac. TRT, 1a. Região (Proc. 1.710/53), Relator: Amaro Barreto.

As condições de trabalho, que obtêm alta com redução de sua capacidade laborativa, cabem o direito à reversão nas condições que a lei estabelece, ou seja, atribuição do serviço compatível com suas novas condições físicas, de modo a proporcionar-lhe salários atinentes ao restante de sua capacidade de trabalho. Ac. TRT, 1a. Região (Proc. 1.009/52), Relator: Mário L. de Oliveira.

Everaldo Martins

Nota Sindical Seleção de Quadros Para os Institutos

Os políticos e cabos eleitorais poderão descansar logo após o pleito eleitoral de 3 de outubro, mas os ativistas sindicais, que também empenham todas as suas energias na campanha pela eleição dos seus candidatos, terão direito, no máximo, a uma breve trégua, para retemperar suas forças rapidamente, e entrar duro, como dia o carleão, nessa outra campanha que se inicia nos primeiros dias de outubro, visando a eleição dos representantes dos trabalhadores para os órgãos colegiados, que passarão a reger os destinos dos Institutos de Aposentadoria e Pensões.

Trata-se de uma campanha de importância inestimável. Pela primeira vez, os trabalhadores, graças a conquista da Lei Orgânica da Previdência Social, são chamados a eleger os seus representantes à direção das entidades de previdência social.

Nenhum sindicato deve decurtar dessa tarefa, assim como todo trabalhador deve participar da assembleia que for convocada para escolha do seu delegado-eleitor. Os líderes sindicais que tenham se revelado mais dedicados aos interesses da coletividade, e que hajam se sobressaído por sua capacidade administrativa, devem ser os indicados como delegado-eleitor. Se as entidades sindicais fizerem uma boa escolha, teremos dado o primeiro passo para assegurar o êxito na nova administração dos IAPs. Caso contrário, correremos o risco de submeter os novos órgãos colegiados ao desmerecimento dos contribuintes dos IAPs e do povo.

Com a Lei Orgânica da Previdência Social, os trabalhadores terão oportunidade de demonstrar a sua capacidade de administração, a sua honestidade e sua dedicação no trato dos assuntos de interesse da coletividade. As Juntas de Julgamento e Revisão, que serão eleitas diretamente pelas entidades sindicais de empregados e de empregadores, em todos os Estados, terão o mérito de testarem a capacidade dos seus membros, de transformá-los em quadros administrativos dos institutos.

Esses novos quadros que se forem formando irão constituir a equipe capaz de, daqui a quatro anos, substituir a todos aqueles que não tiverem se conduzido corretamente nos Conselhos de Administração e nos demais órgãos colegiados que dirigem entidades importantes como o SAPS, o Conselho Superior da Previdência Social e o Departamento Nacional da Previdência Social.

As novas conquistas do movimento sindical vão exigindo, cada vez mais, a formação de quadros responsáveis, capazes de se desincumbirem da melhor maneira possível da função a que forem chamados a desempenhar. Daí a necessidade de todo o trabalhador estar atento nas suas locais de trabalho, acompanhando a atividade dos seus companheiros e dos seus líderes sindicais, selecionando-os por sua honestidade, dedicação aos interesses dos trabalhadores e capacidade de trabalho e de organização, para transformá-los nos seus futuros representantes junto aos órgãos de orientação e controle administrativo ou jurisdicional dos institutos.

Os trabalhadores estão chamados a participar diretamente na ação moralizadora da atividade administrativa dos institutos. Essa ação tem de começar de baixo. Os aproveitadores da burocracia sindical, os falsos líderes operários, formados nos gabinetes ministeriais devem ser, de saída, varridos de qualquer representação junto aos IAPs.

Para isso é necessário que o trabalho para a eleição dos autênticos representantes das massas trabalhadoras comece imediatamente, a fim de que se assegure o êxito na nova administração dos institutos.

Nilson Azevedo

O Que os Trabalhadores Conquistaram Com a Lei Orgânica da Previdência

O Departamento de Previdência da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito (CONTEC), do qual fazem parte os dirigentes sindicais Osvaldo Stafford da Silva, Edgard Rocha Costa e José Benício de Melo, membros do Conselho Fiscal do Instituto dos Bancários, elaborou um resumo da Lei Orgânica da Previdência Social, cuja íntegra iniciamos e publicamos neste número.

O cálculo dos benefícios, pela legislação anterior, era feito tomando-se por base a média das 36 últimas contribuições para a concessão da aposentadoria ordinária, e das 24 últimas contribuições para se estabelecer o auxílio doença, a aposentadoria por invalidez e o benefício-pensão, cujas percentagens correspondiam a 80% para o primeiro, e a 66% para os demais benefícios. A nova Lei determinou a incidência dos percentagens correspondentes aos benefícios sobre a média das contribuições realizadas nos últimos 12 meses, sob a denominação de «SALÁRIO-BENEFÍCIO».

Dessa forma, os benefícios abaixo relacionados, serão concedidos aos segurados que tenham realizado um mínimo de 12 contribuições mensais (período de carência):

AUXÍLIO-DOENÇA — Será concedido ao assegurado que ficar incapacitado para o trabalho pelo prazo su-

perior a 15 dias e corresponderá a uma renda mensal de 70% da média das 12 últimas contribuições (salário-benefício), acrescida de mais 1% desse salário, para cada ano de contribuição efetivamente recolhida à Previdência Social, até o máximo de 20%.

Este benefício terá uma duração máxima de 2 anos. Perdendo a incapacidade do segurado para o trabalho, será concedida a aposentadoria por invalidez.

Durante o período em que o trabalhador estiver percebendo auxílio-doença, ser-lhe-á prestada, gratuitamente, assistência médica completa, incluindo exames. O tratamento cirúrgico é concedido facultativamente.

Nos 15 primeiros dias de afastamento do trabalho, por motivo de doença, incumbe ao empregador o pagamento integral dos salários correspondentes ao período de afastamento.

APOSENTADORIA POR INVALIDEZ — Será concedida ao segurado que continuar incapaz para o trabalho, após 24 meses de percepção do auxílio-doença, ou ao que inicialmente for declarado incapaz, definitivamente. O benefício consistirá numa renda mensal correspondente a 70% do salário-benefício, acrescida de mais 1% deste salário para cada ano de contribuição, até o máximo de 30%. Esse benefício cessará quando o segurado for considerado apto para o trabalho.

APOSENTADORIA POR VELHICE — Será concedida ao segurado que após haver realizado um mínimo de 60 contribuições mensais completar 65 anos de idade, sendo do sexo masculino, e 60 de idade, quando do sexo feminino, e corresponderá a uma renda mensal igual à da aposentadoria por invalidez.

APOSENTADORIA ESPECIAL — Será concedida ao segurado que contendo 50 anos de idade e 15 anos de contribuição, tenha trabalhado 15, 20 e 25 anos em serviços penosos, insalubres, ou perigosos, especificamente indicados em regulamentação baixada através de decreto do Poder Executivo. O valor da aposentadoria especial será equivalente ao da aposentadoria por invalidez.

APOSENTADORIA POR TEMPO DE SERVIÇO OU ORDINÁRIA — Será concedida ao segurado que contar, no mínimo, 55 anos de idade e 30 anos de serviço, a qual consistirá de uma renda mensal correspondente a 80% do salário de benefício, acrescentando-se mais 4% desse salário, para cada novo grupo de 12 contribuições mensais, de modo a atingir o máximo de 100% do salário de benefício com 35 anos de serviço.

Assigura, por outro lado, a nova legislação, a percepção de um abono mensal correspondente a 25% do salário-benefício, pago pela Previdência Social, ao segurado que, satisfazendo as exigências para se aposentar, preferir continuar trabalhando na empresa.

AUXÍLIO-NATALIDADE — Garante a Lei à segurada gestante ou ao segurado pelo parto de sua esposa não segurada ou, ainda, à companheira, desde que inscrita 300 dias antes, uma quantia igual ao salário mínimo do seu local de trabalho, independentemente da assistência médica a ser prestada.

Quando não houver possibilidade de prestação da assistência médica, o auxílio-natalidade corresponderá a dois salários-mínimos. Em se tratando de parto gemelar, o auxílio-natalidade

corresponderá a tantos salários-mínimos quantos forem os filhos nascidos.

ASSISTÊNCIA FINANCEIRA — Será prestada pelos Institutos aos seus segurados e dependentes destes na forma que for regulamentada e consistirá de:

- empréstimos simples;
- empréstimos para construção e aquisição de um imóvel residencial;
- fiança para garantia de aluguel da própria residência.

BENEFÍCIO PENSÃO — Será concedida aos dependentes do segurado falecido e corresponderá a uma parcela familiar igual a 50% da aposentadoria percebida pelo segurado em vida ou daquela que teria direito se na data de seu falecimento fosse aposentado. Essa parcela familiar se é acrescida de tantas parcelas iguais, cada uma, a 10% da mesma aposentadoria quantos forem os seus dependentes inscritos, até o máximo de 5.

AUXÍLIO-RECLUSÃO — É devido aos beneficiários do segurado detento, ou recluso, que não perceba qualquer espécie de remuneração da empresa, e consistirá de uma renda mensal de valor correspondente ao benefício-pensão.

AUXÍLIO FUNERAL — Para atender às despesas de enterro do segurado falecido, a Lei determina a concessão dum auxílio aos seus dependentes de uma importância em dinheiro igual ao dobro do salário-mínimo vigente na localidade.

ASSISTÊNCIA MÉDICA — Na assistência médica prevista na Lei Orgânica, está incluída a assistência clínica, cirúrgica, farmacêutica e odontológica aos segurados e seus dependentes, em ambulatórios, hospitais, sanatórios e a domicílio, com a amplitude que os recursos financeiros e as condições locais permitirem.

Possibilita, ainda, que a assistência médica seja prestada no regime de comunidade de serviços pelos Institutos, sempre que se tornar necessária ou conveniente para maior eficiência no atendimento dos segurados. A realização dos serviços em comum será sempre atribuída, mediante contribuição dos demais, a um dos IAPs, que assumirá a responsabilidade integral pela mesma.

A assistência médica prestada nos ambulatórios, hospitais, sanatórios, isolamentos por um dos Institutos ou no regime de comunidade de serviço, será inteiramente gratuita.

Permite, entretanto, que os segurados se utilizem para si e seus dependentes os serviços médicos em regime de livre escolha, mediante a sua participação no custeio de cada serviço prestado, na proporção do salário real percebido e segundo fórmula a ser estabelecida no regulamento da Lei.

Prestarão os IAPs a assistência complementar, por meio da técnica do Serviço Social, e a assistência reeducativa e de readaptação profissional.

A filiação à Previdência Social é obrigatória a todos que exerçam atividade remunerada. O exercício de mais de um emprego determina a contribuição obrigatória para os institutos de previdência social a que estiverem vinculados os empregos. Neste caso, é lícita a acumulação de benefícios, desde que concedidos por Institutos diversos.

SE A PARIDADE NÃO SAIR Haverá Greve Nacional de Marítimos, Portuários e Ferroviários da RFFSA

Milhares de trabalhadores marítimos, ferroviários e portuários, reunidos no Teatro João Caetano, na noite do dia 29 de setembro, decidiram, em nome dos 300 mil homens que compõem as respectivas categorias profissionais, entrar em greve à zero hora do dia 8 de novembro, se até o dia 3 daquele mês os seus vencimentos não estiverem equiparados aos dos militares. Essa decisão foi imediatamente comunicada a todos as autoridades competentes.

A assembleia

Num dia chuvoso, com as ruas da cidade alagadas, tudo indicava que a assembleia dos marítimos, ferroviários e portuários seria prejudicada. Mas, apesar disso, os trabalhadores lotaram completamente as dependências do Teatro João Caetano, que tem sido palco de grandes decisões nestes últimos dias.

Embora a assembleia estivesse programada para as 18,30 h., às 17,30 h. já os trabalhadores se concentravam em dois grandes grupos: o primeiro, na Praça 15; o segundo, na Praça dos Estivadores. Logo depois, iniciava-se o desfile de milhares de marítimos, ferroviários e portuários que, conduzindo faixas e cartazes reclamando a paridade de vencimentos, percorriam as principais ruas da cidade, rumo ao Teatro João Caetano.

Comando da greve

Atendendo a decisão da assembleia, reúnem-se na manhã do dia 6 de corrente, na sede do Sindicato Nacional dos Marinheiros, todas as entidades empenhadas na luta pela paridade, com o objetivo de eleger o comando da greve, e traçar as normas para a

organização dos piquetes em todos os portos, navios, e nas ferrovias vinculadas à Rede Ferroviária Federal.

Participam dessa reunião os representantes de 12 sindicatos marítimos, dos sindicatos ferroviários, da Federação Nacional dos Ferroviários, da Federação Nacional dos Portuários, Federação Nacional dos Marítimos e União dos Portuários do Brasil.

Nota oficial

Na assembleia do Teatro João Caetano foi aprovada a seguinte nota:

«Os dirigentes das classes marítima, portuária e ferroviária, abaixo-assinados, tornam público ter sido deliberado aguardar-se até 3 de novembro do corrente ano a aprovação do projeto restabelecendo a paridade entre servidores autárquicos e militares, que vinha sendo observada desde 1936, havendo, a respeito, as leis 488/48 e 1765 e 2745 de 1956.

Esperam as classes supra citadas que se faça justiça, retroagindo-se a percepção desse benefício a 1.º de julho do ano em curso, quando os militares passaram a gozar dos novos níveis de vencimentos.

Resolveram, outrossim, paralisar os serviços à zero hora do dia 8 de referido mês de novembro, caso não sejam concretizadas essa justa aspiração, tendo sido escolhida tal data para que não se façam explorações políticas em torno daquele movimento, porquanto esta deliberação é tomada antes das eleições, não se prevendo quais os candidatos que serão vitoriosos nas urnas, não podendo ser alegado, quando da eclosão da greve, que a mesma terá por finalidade perturbar a posse dos eleitos».

Panorama Reforma Cambial e Intervenção em Cuba

A campanha eleitoral fez passar quase em silêncio, para o grosso da opinião pública nacional, alguns movimentos extremamente suspeitos da diplomacia brasileira...

Não merece outra caracterização a nova "visita", que vem de fazer o sr. Sebastião Paes de Almeida aos Estados Unidos. Segundo foi fartamente anunciado pela imprensa...

O sr. Paes de Almeida regressou desmentindo a notícia da reforma cambial, que chegou a ser anunciada para o dia 4 de outubro. Ignoramos se ele não teve sucesso nas negociações...

A par dessa investida contra o sistema de proteção da receita cambial do País, já tão vulnerável em nossos dias, o Itamarati vai se alinhando completamente nas posições do Departamento de Estado...

Só a palavra laçao pode caracterizar a ação subserviente desempenhada pelo sr. Horácio Lafer na recente Conferência de Costa Rica, quando o ministro do Exterior brasileiro serviu de moço de recados de Herter...

Agora, é o mesmo sr. Lafer que chega de Nova York, depois de passar sua nulidade na ONU, cuspidor de mentiras sobre a revolução cubana, e procurando criar ambiente, na imprensa, para um rompimento do Brasil com o "governo comunista" de Fidel Castro...

Renato Arena

Na Campanha Eleitoral a Democracia Avançou

Embora ainda não seja o momento para um balanço político sobre o pleito de domingo, já se pode chegar a várias conclusões sobre esta prova eleitoral a que o país foi submetido...

Mas há outros fatores a considerar. No pleito que passou, problemas reais os mais vitais de nosso povo — a espoliação imperialista, a ação dos grupos e monopólios econômicos...

Mais do que isso: pela primeira vez o povo teve a oportunidade de participar, direta e indiretamente, através de seus setores mais avançados, no processo de escolha de um dos candidatos apoiados pelos grandes partidos...

Papel dos comunistas

Outro aspecto importante do avanço democrático, traduzindo no pleito de domingo, é o papel desempenhado pelos comunistas.



Como milhões de brasileiros, Lúcio Prestes compareceu na segunda-feira passada à sua seção eleitoral para cumprir o seu dever de cidadão.

Pela vitória dos nacionalistas

pleito de domingo, é o papel desempenhado pelos comunistas. Participando ativamente da campanha eleitoral, desempenhando muitas vezes um papel decisivo na fase em que a candidatura Lott era sabotada insistentemente pelas cúpulas dos partidos situacionistas...

os comunistas ainda não tolhidos; embora gozando de mais liberdade do que em outros pleitos, os líderes comunistas se viram ainda coibidos na manifestação de seu pensamento, sobretudo através do rádio e da televisão.

A não extensão do direito de voto aos analfabetos e aos soldados é mais uma nódoa a condenar o sistema eleitoral vigente no país. São milhões e milhões de brasileiros, trabalhadores e amantes de seu país...

Ação dos trustes

Da mesma forma que a ausência de analfabetos e soldados, a

intervenção do poder econômico continua sendo um fator de deformação da vontade popular. Particularmente nesta eleição, ficou evidente a atuação dos grupos econômicos, sobretudo os estrangeiros, monopolizando praticamente os meios de propaganda e divulgação — imprensa, rádio, televisão — em favor do seu candidato...

Contudo, a própria maneira pela qual os trustes tiveram de intervir desta vez no processo eleitoral mostra o avanço do regime democrático. Sua intervenção foi denunciada em praça pública, pelo candidato de dois dos maiores partidos do país — um marechal do Exército...

Desta vez, esses trustes foram obrigados a vir para as ruas, lutar ostensivamente, porque perderam o controle do processo de escolha dos candidatos. Tiveram de mostrar-se, e o povo os viu, quase a peito aberto, intervindo na política interna do país...

Assim, qualquer que seja o resultado das urnas, o certo é que a democracia brasileira, nestas eleições, avançou, tornando mais favoráveis as condições para a luta, que prossegue, pela completa emancipação do país.

AS LIGAS CAMPONESAS AVANÇAM O "CORREIO DA MANHÃ" RETROCEDE

Há alguns meses, o «Correio da Manhã» publicou uma série de reportagens sobre as Ligas Camponesas de Pernambuco, nascidas no antigo engenho Galiléia.

Os tempos passaram, o movimento das Ligas cresceu, sua influência aumentou, tanto entre as populações rurais do Nordeste como do Sul.

O «Correio» volta agora ao assunto com certo amargor e grande decepção. Motivo aparente: terem os liderados de Francisco Julião se pronunciado publicamente, no Recife, pela candidatura nacionalista de Henrique Teixeira Lott.

dos e insultos aos latino-americanos encontra na reportagem do «Correio da Manhã» de 2 de outubro de 1960.

Os motivos reais da irritação do «Correio da Manhã» são bem diversos daqueles alegados. Em primeiro lugar, o jornal aristocrata desejava um movimento camponês bem comportado, com ares românticos, puramente decorativo da paisagem árida do Nordeste.

Em segundo lugar, o «Correio» se enche de medo mal contido ao verificar que as Ligas Camponesas não se dispõem a permanecer quietas nos limites do Galiléia. Arregimentam seus filiados e, num total de 5.000 marcham para Recife, tomam conta de suas ruas, entram em contacto com líderes operários...

nhã» finge acreditar e tenta fazer crer numa «reforma agrária» feita no Brasil pelos norte-americanos como se fôssemos simples colônia dos Estados Unidos — os camponeses de Pernambuco lhe dão outro motivo de inquietação: carregam, em seu desfile no Recife, uma faixa expressando sua solidariedade ao grande Fidel Castro.

É isto o que desagrada aos aristocratas do «Correio», levando-os, já agora, a atacar os camponeses das Ligas pernambucanas, ao perceberem que sua luta é para valer, é realmente pela reforma agrária, e não um movimento demagógico, que o «Correio» sonhou um dia colocar a reboque do demagogo Jânio Quadros.

O futuro mostrará que, na medida em que os camponeses avançarem, se arregimentarem, lutarem de fato, o «Correio» se pronunciará cada vez mais contra eles, acenando com o salvavidas furado de uma «reforma agrária norte-americana».

Mas, enquanto o «Correio da Ma-

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

O 3 de outubro passou a constituir, sejam quais forem, no confronto de escolhas positivas e negativas de candidatos, os resultados finais, um marco em nossa história democrática.

verdadeiro assunto da história em quadros.

Nessa luta entre dois campos, por todo o Brasil, os homens do campo nacionalista levantaram a bandeira da salvaguarda de nossas riquezas e denunciaram os que trabalham para a colonialidade.

As Eleições Presidenciais em 1955 e 1960

Table with election results for President and Vice-President of the Republic in 1955 and 1960, categorized by state and total votes.

Cartilha do

1 — DEPOIS do GUIA, do ABC e do RECADO, eu te mando, camponês, esta CARTILHA. Tenho uma boa notícia para te dar. Teu inimigo cruel — o latifúndio — não anda bem de vida. E eu te garanto que a moléstia é grave. Não há remédio para ele. Morrerá espumando de raiva como um cão danado. Ou como um leão velho que perdeu as garras. Morrerá como morreu na China, um país muito parecido com o nosso Brasil. Morrerá como foi morto em Cuba onde o grande Fidel Castro entregou a cada camponês um fuzil e disse: «Democracia é o governo que arma o povo». Eu fui lá e vi tudo, camponês. Em Cuba não há mais «cambão», nem «meia», nem «têrça», nem «vale», nem «barracão» e nem «capanga». Lá naquela ilha libertada ninguém arranca mais lavoura.

Nem põe a casa abaixo. Nem bota o gado no roçado. Nem cobra por um quadro de terra 150 quilos de algodão. Acabou-se a «vara» que, aqui, passa da medida e ainda tem o pulo. Não há mais o «engano-do-lápis» como aqui. Eu fui lá e vi tudo direitinho. A terra, agora, é de quem trabalha e não de quem fez uso dela para escravizar. Como ainda acontece aqui. Lá o campo que era velho e triste está ficando novo e alegre. Tudo, agora, virou cooperativa. Cada camponês tem uma casa de tijolo e telha. Com a mobília novinha em folha. Até as imagens dos santos são novas. A mulher não dá mais a luz numa esteira ou no girau de varas. É na maternidade. O médico vive no campo. E não falta remédio. Nem escola. Nem adubo. Nem sempre. E sabes, camponês, como se operou esse milagre?

de ir para a cadeia. Quando não é assassinado. Perde o trabalho, o suor, o sossego ou a vida. Será essa a lei do comunismo? Se é, já estamos nela, desde que me entendo de gente. E é contra essa lei que o camponês se junta ao seu irmão e vai para a «Liga». Vamos a outro fato. O pobre tem uma filha jeitosa. O rico se engraça dela. Deixa a infeliz. Bota na perdição. Não casa porque ele é rico e ela, pobre. Se o pai vai à autoridade pedir justiça, é logo expulso da terra. E no fim perde sempre. Porque perde o sossego e perde a filha. Ninguém aparece pra dar jeito. O processo, se há processo, vai parar no arquivo. E a mocinha na ponta da rua. Se essa é a lei do comunismo, a «Liga» está contra essa lei. Vamos ver, agora, a caso

da religião. Um crente mora na terra de um católico. Basta o crente dizer ao católico que não dá mais o cambão para o católico dizer ao crente: «Não quero mais «bode» em minha terra». Dai por diante a coisa mais fácil é empatar o culto do crente. Também pode acontecer o contrário. O crente, como dono da terra, dizer para o católico: «Aqui não quero quem adora imagem de pau». Deixe o sítio para um irmão de minha crença. E só o católico sustentar que não quer dar o cambão. Se essa lei é a do comunismo, a «Liga» está contra ela, porque não separa o católico do crente. Ambos são irmãos». Assim me falou o camponês que foi convidar o latifundiário para assistir à fundação de uma Liga. Isso faz quatro anos.

que este país nunca será uma nação completa enquanto houver um camponês expulso da terra alheia, esfolado pelo agiota que só empresta cem por duzentos, sem terra, sem adubo, sem semente, sem instrumento agrícola, sem assistência financeira, nem técnica, nem

garantia de preço para o seu produto. Esse homem de quem te falo, o marechal Lott, diz isso abertamente. Para o mais importante é que ele fala de coração. Diz isso porque sente. Medindo as palavras. Pesando uma por uma. Incapaz de enganar.

Ninguém deve ser escravo de ninguém

6 — MAS, enquanto não chega o voto para o analfabeto e não se faz a reforma agrária, tu não há de ficar de braços cruzados. Já não acontece o milagre como no tempo de Moisés, que tocava na rocha e a água nascia, ou no tempo de Jesus, que de um pão e de um peixe fazia muitos pães e muitos peixes. Cada um de nós tem, hoje, de ganhar com o suor do próprio rosto o pão de cada dia. Assim manda a Escritura que pouca gente segue. Se não há mais milagre porque Moisés se foi e, depois dele, o Cristo, tu podes, camponês, mesmo crucificado à terra como um escravo, alcançar tudo o que quiseres, sem depender de milagre. Podes conquistar a liberdade, ter o pão com fartura, viver bem agasalhado e na boa paz, se conseguires unir os teus irmãos sem terra. Nenhuma palavra tem mais força do que esta — União. Ela é a mãe da Liberdade. Aprende a defender o teu direito junto com o teu irmão sem terra. Nunca fiques sozinho. Vai sempre com ele à casa da Justiça já que é junto dele que tu te encontras na igreja, na festa, no entêrro, na feira e no trabalho. Lembra-te de que se ele, hoje, é perseguido e não conta com a tua ajuda, amanhã, quando tu caíres na desgraça, sob o ódio do latifúndio, não podes também contar com a ajuda dele. Isso foi sempre a tua perdição. Para te separar o latifundiário usa a violência, a astúcia e o dinheiro. Começa com a violência. Arma para isso o capanga. Bota o polícia na tua porta. E por fim a justiça. E sempre melhor lidar com a justiça. Vez por outra aparece um Juiz que se rebela contra o latifundiário, mesmo sendo filho, genro ou amigo de dono de terra. E abranda o rigor da lei, porque já vê na pobreza uma injustiça. Não se pode esperar muito da justiça quando ela diz que não há outro caminho senão cumprir a lei. E' que o juiz aceita sempre o que já está escrito. Não se rebela. Descansa a consciência sobre a lei. E disso vive. Qual é o caminho? E' mudar a lei. E como mudar a lei? Com a união de todos. Com o movimento de massa. Com a pressão. Por isso existe a Liga. Para isso deve haver a União. Se a violência do capanga e o apêrto do polícia não te

vençeram, já que tens uma gota de luz na consciência e estás pronto a morrer pela tua liberdade, o latifúndio vale-se do nome de Deus. Como? Eu te explico. O latifúndio diz assim: «Deus castiga aquele que se rebela contra Ele. Se um é rico e o outro é pobre, se um tem terra e o outro não tem, se um deve botar a enxada nas costas para dar o «cambão» e o outro se mantém ou enriquece com o fruto desse cambão, se um mora no palacete e o outro no mocambo, é porque Deus quer. Quem se rebelar contra isso está contra Deus. Sofre os castigos do Zéu: peste, guerra e fome. E quando morre vai para o inferno. O pobre deve ser pobre para que o rico seja rico. O mundo sempre foi assim. E há de ser sempre assim. E' Deus quem quer». Assim fala o latifundiário, camponês. Usa o nome de Deus para te fazer medo. Porque tu crês em Deus. Mas esse Deus do latifundiário não é o teu Deus. O teu Deus é manso como um cordeiro. Chama-se Jesus Cristo. Nasceu numa mangedoura. Viveu entre os pobres. Cercou-se de pescadores, camponeses, operários e mendigos... Quer a libertação de todos eles. Dizia que a terra devia ser de quem trabalha. E que o fruto era «o-mum. Suas são essas palavras: «E' mais fácil um camelo passar num fundo de agulha do que um rico se salvar». Porque disse essas e outras coisas, foi crucificado pelos latifundiários do seu tempo. Hoje, seria fuzilado. Se não fosse metido em um asilo de loucos. Ou preso como comunista. Escuta bem o que te digo, camponês. Se um padre ou um pastor falar em nome de um Deus que ameaça o povo com peste, guerra e fome, raios, coriscos e trovões e ainda com o fogo do inferno, fica sabendo que esse padre ou esse pastor é um espoleta do latifúndio. Não é um ministro de Deus. Esse padre é falso. Esse pastor não presta. O padre verdadeiro ou o bom pastor é aquele que se levanta para dizer: «Deus fez a terra para todos, mas os sabidos tomaram conta dela. Ganharás o pão com o suor do teu rosto, e não com o suor do rosto alheio. Ninguém deve ser escravo de ninguém. Nem um povo. Nem um homem de outro homem. Par-

A união fez o milagre

2 — ESSE milagre se fez por causa da «união» dos camponeses. Junta-se tudo a Fidel Castro para acabar com a tirania, com a injustiça, com o latifúndio, com o capanga, com o cambão, com a meia, com a têrça, com a sardinha pôdre, com o pau-de-arara, com a travessão, com o atraso, com a miséria. A fome não leva mais o menino para o cemitério, nem a mocinha para a perdição, nem o homem maduro para a escravidão e nem o velho para a porta da igreja ou a estação de ferro com uma cúa na mão pedindo

do esmola pelo amor de Deus. Foi a união que acabou com tudo isso lá em Cuba. Assim também foi na China. Assim também será aqui no Brasil. Diga e repite, camponês, como disse no «Guia» — separado, serás um pingo d'água, mas unido, serás uma cachoeira. Enquanto caminharas sozinho e teu inimigo zomba da tua fraqueza, levanta o teu fôro, põe o gado em teu roçado, arranca a tua lavoura, derruba a tua casinha, obriga-te a dar o cambão ou te expulsa da terra, esmaga o teu direito e mata a tua liberdade.

Jornada dura e penosa

3 — NO COMEÇO da viagem não havia caminho. Tivemos de abrir uma picada. Dura e penosa. Aqui caindo um soldado. Outro, adiante, fugindo. Mas já se pode falar, hoje, em «Reforma Agrária». E em «Liga Camponesa». Antes o latifúndio não queria. A polícia proibia. A igreja tinha medo. E a reação berrava: «E comunismo». Essa palavra ainda espanta muita gente. Foi usada contra a paz. E contra o petróleo. Está sendo muito gasta, agora mesmo, contra Fidel Castro e o povo de Cuba. Lembra-me bem do que me contou, há quatro anos atrás, um pobre camponês. Ele fôra à casa de uma autoridade, senhor de muitas terras, convidado para assistir à fundação de uma Liga. A autoridade negou-se a ir e disse: «Isso é comunismo». O sócio da Liga quis saber que lei era aquela. E a autoridade, rico senhor de terras, deu a defi-

nição: «Comunismo é tomar o que é da gente, fazer mal à filha da gente e empatar a religião da gente». O sócio pensou um pouco e disse para o latifundiário: «Se é assim, já está tudo nessa lei, desde que me entendo de gente. Veja se eu lino razão ou não. O pobre arrenda um pedaço de terra, faz casa e barreiro, levanta cerca, planta fruteira, leva 10, 20 ou 30 anos cuidando do sítio, pagando o fêro e dando o cambão. Muito bem. Um dia, descobre que o cambão é sobre do cativo. Ou não quer mais pagar o aumento do fôro porque já não agüenta. Ou reclama o salário de fome. Então, o dono da terra se zanga e bota o pobre para fora. O pobre resiste. Vem o capanga. Vem a polícia. Vem a justiça. O pobre termina perdendo tudo. Porque não há justiça para o pobre. A lavoura é arrancada. A casa é posta abaixo. E o camponês é ameaçado

A gota d'água agora é um rio

4 — AGORA o caminho se alarga. Aqui em Pernambuco já ganhamos a batalha do engenho «Galiléias». Foi trabalho da Liga. Foi fruto da união. A Liga cresce. Por todo o Brasil só se fala na Liga. E até fora do Brasil. Quando a Liga nasceu cabia dentro de uma casa-de-farinha. Era uma candela. Hoje é uma estrela. Era uma gota d'água. Hoje é um rio. Era uma árvore. Hoje é uma floresta. A estrela é o guia da vitória. O rio, o caminho da liberdade. A floresta é o abrigo da paz. Onde a Liga finca a sua bandeira, nasce a esperança e morre o medo. Aquêlê que tinha sede de sangue por causa do ódio passa a sentir fome de terra. E a fome da terra e não a sede de sangue

que faz a Liga crescer. E ficar respeitada. Crescendo a Liga, o latifúndio perde a força. E a «Reforma Agrária» toma corpo. Ela já está na cabeça de todo mundo. Tu dormes pensando nela, camponês. E o latifúndio também. Tu sabes que ela virá, mais cedo, se te unires sem demora ao teu irmão. O latifundiário também sabe que ela chegará como chegou na China, como chegou em Cuba. O melhor é que vancha sem sangue. Com o sino das igrejas badalando de alegria. Com uma chuva de flores maior do que aquela que o povo jogou sobre os deputados quando aprovaram a lei acabando com a escravidão negra no Brasil.

Lott está conosco

5 — A «REFORMA AGRÁRIA» pode vir com o voto. Mas é preciso que esse voto não seja dado somente por quem sabe ler. O analfabeto também deve votar. No Brasil, quase todo camponês é analfabeto. Mais de vinte milhões não votam porque não sabem ler. No entanto pagam imposto. E carregam o País nas costas. A tua luta, camponês, deve ser nesse sentido. Fica certo de que no dia em que o analfabeto votar neste país a escravidão da terra se acabará. O latifundiário perderá o esporão. E ficará manso como um capão gordo. Por quê? Porque sendo o camponês sem terra a imensa maioria que não sabe ler, essa maioria só votará nos candidatos que irão lutar pela reforma agrária. Tu saber, camponês, que já existe no Congresso uma

emenda à Constituição em favor do voto do analfabeto? Sabes que se ficares de braços cruzados, essa emenda não será nunca aprovada? Sabes que há um homem, candidato à Presidência da República, favorável ao voto do analfabeto? Sabes que esse homem é o marechal Henrique Teixeira Lott? Sabes que é um homem sério, que inspira confiança, que merece fé, que nunca mentiu, nem enganou ninguém? E' um passo importante eleger esse homem para alcançar o voto do analfabeto. Vai por toda parte, camponês, convencer o teu irmão, o teu amigo, o teu compadre, que tenha título de eleitor a votar neste candidato. Ele não esconde a grande tristeza que sente no seu coração de patriota porque ainda não se fez a «Reforma Agrária» no Brasil. Ele sabe



A marcha dos latifundiários

O latifúndio, para manter o guante da exploração sobre os camponeses, sempre apelou ao uso da força, quer de seus jagunços, quer dos governos que lhe pertencem. Ainda recentemente, de conluio com o latifundiário Nicéria Gusmão, a polícia de Pernambuco realizou verdadeiras operações de guerra para impedir a «invasão» do «Engenho Manassu», o que, aliás, não passava de um pretexto para atacar as Ligas Camponesas e seus dirigentes. Mas, as manobras de intimidação patrocinadas pelos reacionários que detêm o monopólio da terra já não mais surtem efeito. Pois os camponeses, por cima de quaisquer obstáculos, levam sua luta para a frente.



Em plena luta pela vitória nacionalista

Após a passeata camponesa, dezenas de milhares de pessoas concentraram-se na Praça Dantas Barreto, no maior comício ali realizado no curso da recente campanha eleitoral. Lott, Lott e Arnês estavam entre os oradores.



O povo aplaudiu caboclos de Julião

Índios da cidade de Pesqueira, miseravelmente explorados nas plantações de goiaba que fornecem às fábricas «Peixe», também compareceram, com suas vestes típicas, à marcha organizada por Francisco Julião.



A marcha dos camponeses

A passeata realizada pelos camponeses das Ligas de Pernambuco e da Paraíba, na cidade de Recife, no encerramento da campanha eleitoral de Lott e Jango, constituiu-se num espetáculo jamais assistido pela população da capital pernambucana. Mais de cinco mil caboclos, empunhando espadas simbólicas, percorreram as ruas da metrópole nordestina, carregando grandes painéis com as figuras de Lott, Jango, Francisco Julião — o organizador das Ligas Camponesas — de Fidel Castro, o herói máximo da grande revolução cubana, e de Luiz Carlos Prestes, o líder dos comunistas brasileiros. Na foto, um aspecto parcial da gigantesca manifestação.

que todos são iguais perante a lei. E perante a natureza. E perante Deus. Se isso é comunismo, então Deus é co-

A massa é quem faz a Lei

7 — JÁ É TEMPO, camponês, de aprenderes a usar a união contra o teu inimigo cruel que é o latifúndio. Segue a lição do operário. Do estudante. Como é que o operário vence o patrão? E o estudante defende a liberdade? E com a arma da greve. A greve é a união de todos. Tem a força da correnteza do rio. E o rumor da cachoeira. O operário vai para a fábrica e conquista melhor salário. O estudante fecha a escola e vai para a rua gritar pela liberdade, pela paz, pelo petróleo, pelo ensino gratuito. Usa a greve como arma. Eu te explico. Há muitas formas de greve que o campo pode fazer. Um exemplo: um camponês tem a sua casa derrubada e a sua lavoura arrancada pelo latifundiário. Como proceder? É simples. Todos os camponeses devem juntar-se. Cem, duzentos, mil, três mil. E marchar para a cidade. Levando os destroços da casa. E a lavoura arrancada. Vão ao prefeito. Ao padre. Ao juiz. Ao promotor. Ao delegado. A todos clamarão juntos por justiça. E a justiça se fará. Por quê? Porque são muitos a pedir. Um só poderá ir para a cadeia. Dez poderão não ser ouvidos. Mas cem já serão. E mil ainda mais depressa. O delegado fica manso, o juiz, uma sêda. O padre vem recoberto. O prefeito se derrete. E o

munista. Porque é o que está na Escritura Sagrada. E na boca de Cristo. E na de todos os seus apóstolos.

promotor nem se fala. Não é preciso usar a força. Nem o ódio da enxada. A massa, é quem faz a lei. Povo unido é quem manda. Vamos mostrar outro exemplo. Um delegado mete na cadeia um camponês, porque foi intimado a deixar o sítiozinho e não quer obedecer. A Liga, então, se reúne e avisa a todo mundo que ninguém vai mais à feira na cidade ou povoado onde a autoridade manda. A Liga faz os piquetes e põe em cada caminho, a fim de barrar o passo do camponês que tentar romper o cordão da greve. Vai uma comissão falar com as autoridades e explicar a razão por que não se faz a feira. O resultado eu te digo, camponês. Antes do novo dia da feira o delegado é mudado. E a Liga fica mais forte. E o camponês respeitado. Sem derramar uma gota de sangue de um só cristão. Aprende a usar essa arma poderosa que tem o nome de greve. O operário já usa. O estudante também. E a nossa Constituição, que é chamada Lei Maior, assegura esse direito sem separar estudante de operário ou camponês, porque a própria Constituição já diz em um dos seus artigos: «Todos são iguais perante a lei». E a Constituição o que é? É a lei que nasce do povo. E o camponês é o povo. Como é o operário. Como é o estudante.

quanto brigam, o braço do camponês fica mais fraco, a enxada mais pesada, a fome cresce e a liberdade murcha. De onde concluo que não adianta ser Católico ou Protestante, Espirita ou Ateu, seguir essa ou aquela religião, adorar Deus ou negá-lo, se cada um de nós só cuidar de melhorar a própria vida esmagando a dos outros. Não adianta ser Padre ou Pastor para ficar dentro da Igreja, fazendo sermão ou no Templo lendo versículos da Bíblia. E muito menos Espirita para convocar os mortos e Ateu só para negar a existência de Deus. Tudo isso não vale nada se há milhões de camponeses tratados como besta-de-carga pelos que têm oratórios em casa, vão à missa, ao culto protestante e ao centro espirita em busca de perfeição para a sua alma. Ou o Padre se rebelar contra a miséria do camponês e entra na luta para libertá-lo, ou tudo quanto ele prega não merece fé. Ou o Pastor sai a campo para lutar por um pedaço de terra e um salário justo para o irmão do campo, ou a Bíblia Sagrada queima a sua consciência como as pedras queimaram as mãos dos que tinham culpa. Ou o Espirita se junta ao Ateu para salvar da fome, da degradação e da miséria o camponês sem terra, neste país de tanta terra, ou não adianta convocar os mortos e muito menos negar Deus. Tudo é em vão, se nada se faz, não só em palavras, não só em

hinos sacros e cânticos religiosos, mas em atos e ação corajosa, para libertar esse escravo, esse pobre irmão nosso, o camponês humilde e bom, das garras do dragão — o LATIFÚNDIO. Sua desgraça deveria envergonhar não só o Padre, não só o Pastor, não só o Espirita, não só o Ateu, mas o homem que possui a terra, que vive do comércio, que domina a indústria, que governa, e também o médico, o juiz, o promotor, o advogado, o engenheiro, o estudante, o operário, a dona de casa, o professor, o jornalista, o militar, o servidor público, numa palavra, a nação inteira. Porque é o camponês quem nos alimenta e quem nos veste, recebendo, como tróico, a sujeição do escravo, a infâmia do cambão, o trabuco do capanga, o facão do soldado, a casa destelhada, a lavoura destruída, o filho sem escola, sem remédio e sem comida, o pau-de-arara, o chão do hospital, a velhice sem amparo, e por último, a vala comum do cemitério onde só chegam os nossos entalados na pele torturada. Eis tudo quanto resta de ti, infeliz eiteiro, furtado no barracão, na medição da conta, no salário de fome, nas horas de trabalho, seja no norte ou no sul, na beira do mar ou nos confins de Mato Grosso, por todo esse imenso Brasil que tu cavas com a tua enxada e regas com o teu suor e o teu pranto de escravo.

rios. De Furnas. De Paulo Afonso. De Volta Redonda. De Petrópolis. Levando muitas bandeiras gloriosas. Uma nas mãos dos trabalhadores com o rosto de Vargas sorrindo para o Povo. Outra nas mãos dos possedistas com o dedo de Juscelino mostrando Brasília. Outra nas mãos dos socialistas com o velho João Mangabeira pregando a liberdade. Outra nas mãos dos comunistas com Prestes olhando tranqüilo para o futuro. Outra com os nacionalistas de Bento Gonçalves e essa legiçã: «Não há mais lugar no Brasil para o entreguismo».

E à frente de toda essa imensa cavada de ouro. JANGO. LOTT com a espada de ouro. A carta ensinando o caminho. E a espada garantindo a liberdade. Camponês, vamos embora. O dia já amanhece. O Sol é teu. Para o latifúndio anoitece. Que a escuridão seja eterna para o latifúndio. E para ti, camponês, o Sol da liberdade seja eterno. Camponês, vamos embora. O dia já vem raiando! (N. da R.) — Os entretítulos são de nossa responsabilidade.)

Desgraca que envergonha a Nação

8 — NÃO quero findar esta Cartilha Camponesa, sem um grito em favor deste teu outro irmão, mais desgraçado do que tu que és rendeiro, meirinho, parceiro ou posseiro. Faló do candeieiro, do eiteiro, do cassaco, do ricuqueiro, do assalariado agrícola. É ele quem suporta todo o peso da canção. Trabalha de domingo a domingo. Usa farrapos. Sua casa tem o tabeiro de capim ou de palha. A parede dos lados é de barro. Nem há frente nem fundo. Não há porta. A mesa é o chão. A cama é de varas. Não junta um cruzeiro porque não sobra nada. Quando canta, o seu canto é magoado. No eito. Na palha da cana. No engenho. Na plantação de fumo, de mate, de arroz, de cacau ou de café. No seringa. Como o canto do escravo. Se adoecer, morre à mingua, antes do tempo. E se chega à velhice vira mendigo. De cula na mão. De mochila vazia. A mão está cheia de moedas de ouro. São os calos do cabo da enxada. Entra governa e sai governa, foi-se a Colônia, caiu o Império, veio a Re-

pública, melhorando a sorte de todos e piorando a dele. Até agora só conhece como companheiras a Fome, a Miséria, a Nudez, a Escravidão e a Morte. A pátria é para ele um imenso «eito» onde geme como o escravo que Nabuco tudo faz para libertar. Entre ele e a liberdade que é o seu sonho há um dragão — o latifúndio. Esse dragão mata a fome com a sua carne e a sede com o seu sangue. Para ele nada existe. Nem agasalho. Nem pão. Nem remédio. Nem escola. Nem alegria. Nem paz. Nada. Ninguém escuta o seu gemido de dor. A Igreja cruza os braços, abafa a voz e prega a resignação. Como no tempo da escravidão. Se um padre clama em seu favor, é punido. Se é um leigo, é comunista. Assim foi no tempo da Colônia e do Império, quando a Igreja se omitiu, porque tinha terras e mantinha escravos. Quem diz isso não sou eu. É Joaquim Nabuco, que nasceu católico e morreu ateu. E que tem feito o Protestante? E o Espirita? E o Ateu? Briga o Protestante com o Católico e o Espirita com o Ateu. E en-

O dia já vem raiando

9 PARA o meirinho, o foreiro, o parceiro e o posseiro, como para o pequeno proprietário, existe a Liga. E para o eiteiro, o licuqueiro, o cassaco-de-linha, o camponês que aluga o seu braço, que vive, somente do salário, na usina, no arrozal, na zona do fumo, do cacau, da borracha, do café e do mate? O caminho é o Sindicato. Mas quem pode falar em Sindicato Rural neste país? Quantos há? O que fazem? Como vão? Tudo existe apenas no papel. Na vontade de uns. Na esperança de outros. O latifúndio odeia o sindicato como espuma de raiva contra a Liga. Quando se funda um a polícia fica de olho. A carteira ministerial devia ser a carta de alforria para o camponês que aluga o braço. Mas ainda não é. O senhor da terra pode ter a sua sociedade. O operário, o seu sindicato. O industrial, o seu sindicato. O estudante também. E o funcionário público. Todos podem unir-se e defender-se. O camponês, não. Nem Liga, nem Sindicato. Porque no dia em que cada camponês estiver no seu Sindicato este país muda de rumo. O latifúndio se acaba. E surge uma

nova vida. Como surgiu na China, que se parece tanto com o Brasil. Como acabou de surgir em Cuba, com Fidel Castro comandando a batalha pela reforma agrária. Há um homem que, há muitos anos, rompeu o silêncio que pesava sobre o camponês. E falou em Sindicato. E deu os primeiros passos. Esse homem foi Vargas. Quando se preparava para dar o salto decisivo foi abalado. Todo o peso da sua memória caiu sobre outro homem. Esse outro homem chama-se Jango. Não podendo carregá-lo sozinho, dividiu com outros companheiros a tarefa. Esse outro companheiro tem o nome de LOTT. Mesmo juntos, os dois, sozinhos, não conseguirão libertar o camponês do latifúndio. Nem o Brasil do entreguismo. Um tem a carta de Vargas. O outro, a espada de Floriano. A carta é o caminho. A espada é a liberdade. Foi assim em 55. Assim será em 60. Mas sem a união dos camponeses há o risco de se perder a carta e se partir a espada. Com a carta e com a espada a viagem é mais curta. Ao lado do operário. Do estudante. Do intelectual. Do dono-de-casa. Do candango. Do nacionalista. De Brasília. De Três Ma-

Hino do Camponês

Companheiros, irmãos de sofrimento
Nosso canto de dor sobe da terra
É a semente fecunda que o vento
Espalha pelo campo e pela serra

Estrilho:

A bandeira que adoramos
Não pode ser manchada
Com o sangue de uma raça
Prêsa ao cabo da enxada

Estrilho:

Não queremos viver na escravidão
Nem deixar o campo onde nascemos
Pela terra, pela paz e pelo pão
Companheiros, unidos, venceremos.

Estrilho:

A bandeira...
Hoje somos milhões de oprimidos
Sob o peso terrível do cambão
Lutando nós seremos redimidos:
A REFORMA AGRÁRIA é a salvação.

Estrilho:

A bandeira...
Nossas mãos têm calos de verdade
Atestando o trabalho honrado e duro
Nossas mãos procuram a liberdade
E a glória do Brasil para o futuro.

Estrilho:

A bandeira...

FRANCISCO JULIÃO

Setembro, 1960
Recife

Camponês

Deputado FRANCISCO JULIÃO

Notas Sobre Livros

Vile a pena ler o livro de Sartre, editado em tradução brasileira — Furacão sobre Cuba. É o depoimento de um filósofo e sociólogo que não se contenta com o que vê à superfície, e que acima de tudo é um escritor poderoso, dotado de antenas de extrema sensibilidade. Não importa grande coisa, no tocante a este livro, que discordemos de certas posições teóricas do filósofo e do sociólogo e também de algumas de suas afirmativas de ordem política; o que realmente importa é que em suas páginas encontramos uma exposição magistral dos fatos e uma lucida interpretação da própria essência da revolução cubana.

Para esta edição brasileira escreveu Sartre, um prefácio dirigido especialmente ao leitor brasileiro. Ai o autor como que resume o seu pensamento central sobre a revolução cubana, sua significação continental e mundial. Mostra-nos, por um lado, que — "a questão cubana diz respeito a toda a América Latina, já que assinala o início da descolonização geral deste continente". Essa compreensão do sentido essencial da revolução cubana, luta de libertação nacional, guerra de morte ao domínio imperialista norte-americano, é que o leva a dizer-nos, a nós brasileiros, que — "apesar de todas as características que distinguem um país do outro, acabou compreendendo que falar aos brasileiros sobre a ilha rebelde era falar deles próprios". Quer dizer: o grande problema político da atualidade brasileira — como igualmente de toda a América Latina — é o da luta pela libertação nacional, o da guerra de morte ao domínio do imperialismo norte-americano. As características da nossa situação atual, diferentes das características da situação cubana antes da revolução, estão a indicar-nos que outros são os métodos que podemos aplicar na luta contra o inimigo comum dos povos latino-americanos; mas o objetivo fundamental desta luta é o mesmo para nós e para toda a América Latina — a descolonização geral do centro e sul do Continente.

Referindo-se à denúncia do acordo militar com os Estados Unidos, feita pelo governo revolucionário, fato aliás posterior à redação do seu livro e assinalado especialmente no prefácio à edição brasileira, Sartre escreve o seguinte: "Cuba, ao romper seu acordo militar com os Estados Unidos, acaba de declarar a paz ao mundo. Eis uma fina observação, excelentemente formulada, em que se exprime um pensamento político da maior importância: a luta pela paz é sinônimo de luta contra o imperialismo, e a revolução cubana, com o cortar os vínculos que prendiam o País aos dispositivos de guerra do Pentágono, praticou um ato de soberania que é ao mesmo tempo um ato de paz".

Relativamente às "acusações" levantadas pela reação sobre a colação "comunista" do Governo de Fidel Castro, Sartre informa, baseado na observação direta da verdade, que tais acusações não passam de "argumentos imbecis da propaganda imperialista". Mas Sartre, que é o oposto do imbecil, não se contenta com a simples constatação de uma situação de fato: ele vai além e põe no papel o seu próprio pensamento sobre a questão, escrevendo, tranquilamente, que não veria nada de mal se a revolução cubana fosse comunista — sobretudo porque "não é da conta de ninguém". Por outras palavras: isto é assunto do povo cubano, problema interno, que só ao povo cubano cabe resolver, soberanamente.

Esta edição brasileira de Furacão sobre Cuba está aperfeiçoada (e provida) com um apêndice, constituído de duas páginas reportagens dos cronistas Rubem Braga e Fernando Sabino. Não é bem um "apêndice", mas uma excrescência, nem outra coisa se poderia esperar de dois escribas, que são notórios portadores de um espírito essencialmente anti-Sartre. Na próxima vez veremos o que eles dizem.

Astrojildo Pereira

Agora Numeros

Depois de meses terríveis de terríveis provocações e insultos, veio o três de outubro, votamos, estamos (nos os que demos nosso voto e trabalhamos pelos candidatos nacionalistas) em paz com a nossa consciência na certeza de que tudo fizemos para dar ao Brasil um presidente brasileiro e ao Estado da Guanabara um governador eficiente, sereno, amigo do povo.

De qualquer maneira e apesar dessa onda de provocações, lanternas tentando promover (e algumas vezes conseguindo) distúrbios, o povo carioca viveu grandes momentos. A aquisição de sua consciência política implantou-se já; pode ser que muitos ainda votem mal, mas é inegável o interesse que as eleições despertam mesmo nos que há pouco se mostravam indiferentes. Foi impressionante e comovedor o espetáculo que assistimos em todas as ruas da cidade, da campanha de Sérgio Magalhães. Milhares de papéizinhos descaíram das mais altas janelas, o nome de Sérgio era levado pelos ares, ecoando pela nossa tão bela Avenida. Cheias as ruas, e um entusiasmo tão grande sacudia até os apáticos.

Depois foi o três de outubro. E nesse dia assisti à coisa triste, mas vi coisas alegres. Na banca de um jornaleiro chegou uma senhora sem qualquer atributo para chamar atenção: não era bonita, nem jovem, nem bem vestida. Veio e pediu bem alto: "Me dá uma 'Tribuna da Imprensa' que é jornal de branco". Olhamos em torno para ver se com aquilo queria ela insultar algum negro; não havia nenhum por perto, se bem que o sangue me acompanhava e eu não tenho nenhuma dúvida em afirmar no Brasil prela a mulher. E ainda há quem diga que os "brancos" brasileiros reacionários olham os negros com olhos fraternais. Pudessem eles e estariam fazendo nesta cidade o mesmo que fazem os americanos do norte nas suas.

Mas vi coisas alegres: na seção em que votei, uma senhora, loura, alta, forte, chegou com um distintivo de fiscal do PTB. Três jovens dessem que de longe cheiram a lanternistas, resolveram fazer "Uh, uh", como que de longe valá-la. Ela não se deu por vencida. Virou-se, olhou os rapazes de frente e disse: "Vocês sempre covardes; não têm coragem de valar-me agora, têm? Minha tristeza é ser fiscal neste reduto do Corvo". Brava mulher. Quis dizer-lhe que não era ali tão reduto assim, estávamos muitos moradores de Copacabana votando em Sérgio. Mas aquela mulher não precisava de mim; trazia em si a firmeza de ter um partido, uma convicção e defendê-la. Agora vamos viver das apurações. Vamos viver de números; vamos correr para os placards e para as notícias dos jornais. Nossa luta não terminou.

Eneido

Tópicos Típicos

No "O GLOBO" de 27-9, Henrique Pongetti escreveu: "... não gosto de Sartre... não gosto de Fidel Castro..." Um teste de vivacidade para os leitores: — Do que é que ele gosta?

A França também tem o seu Pongetti, chamado Ionesco. Chegando a São Paulo, Ionesco declarou ao "Estadão" (25-9):

"Na França, como na União Soviética, os burgueses e os intelectuais são de esquerda. O povo é de direita". Outro teste de vivacidade: — A vovzínha dele era de quê?

J. Fernando Carneiro, no DIÁRIO DE NOTÍCIAS de 25-9, ataca violentamente o ISEB e proclama:

"A onda nacionalista que por aí anda é quase toda de inspiração fascista, desde a carta-testamento de Getúlio Vargas..." Teste de argúcia (dessa vez para os leitores menos sutis): — Este cara votou em Lott ou em Jânio?

O menino Carlos Heitor Cony fingiu-se de zangado com Sartre e com o "engajamento" do intelectual, para arrancar uns cobres a condessa. Lá pelas tantas, proclama (JORNAL DO BRASIL de sábado último):

"Esquerdismo agora é profissão..." Peste: — E "direitismo", será vagabundagem?

E no suplemento do DIÁRIO DE NOTÍCIAS de 2-10, dona Lidia Besouchet, atacada de lacerite puxa-saquita, escreve um artigo intitulado "Carlos Lacerda, uma estrela solitária" (Nossos amigos botafoguenses estão aborrecidíssimos com a imagem de dona Lidia). O entusiasmo nervoso que o homem da Carta Brandt provoca em certas senhoras inquietas já foi referido até por D. Helder Câmara — e tem sido analisado ultimamente por Antônio Maria. E o fenômeno psico-patológico das "malamadas". A propósito, leitor, (este é o teste final): — Qual é a ideia que voce faz de dona Lidia Besouchet?

Como os nossos leitores são, em princípio, criaturas lucidas e politizadas (se não fossem, não nos leriam), abste-mo-nos de publicar as respostas aos testes. Vocês não devem ter tido dificuldade alguma em encontrá-las por conta própria...

Pedro Severino

Autores Brasileiros na Tchecoslováquia em Grandes Tiragens

Diante de um numeroso público, composto, sobretudo, de escritores presente também o grande amigo do Brasil, o ministro tchecoslovaco no Rio, professor Jaroslav Kuchválek, falou a 27 de setembro, no ciclo de conferências da PEN Clube, o prof. Zdeněk Hampejs — estudioso da literatura brasileira e seu tradutor para o tcheco — sobre a literatura na Tchecoslováquia.

O conferencista apresentou uma detalhada análise da história da literatura tcheca desde as suas origens no século nono até a atualidade e na última parte da sua conferência dedicou a sua atenção às condições que têm os escritores na Tchecoslováquia de hoje para criarem as suas obras. Disse, entre outras coisas, que as condições para o futuro desenvolvimento da literatura na Tchecoslováquia são muito boas, entre outras pelas seguintes razões:

1) Não há editores particulares. As editorias na Tchecoslováquia são ou de Estado ou pertencem às instituições culturais. Publicando livros, não visam lucros comerciais e se orientam, unicamente, por fins artísticos.

2) O escritor tem boas condições materiais. Recebe a terça parte dos direitos autorais ao entregar o manuscrito, e o resto uma semana depois da publicação do livro. Os direitos autorais não dependem, pois, da venda do livro. O mesmo deve dizer-se dos livros traduzidos; pagam-se os direitos autorais tanto ao tradutor, como ao autor.

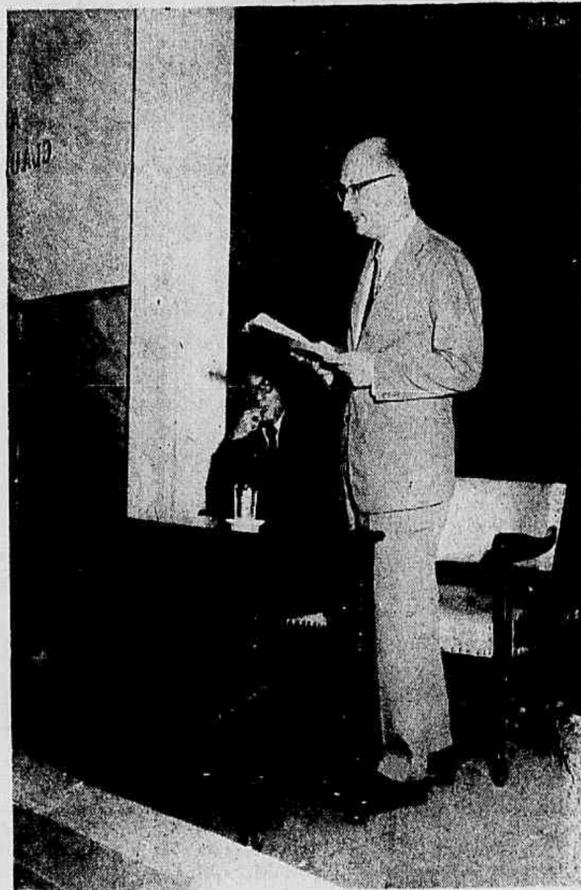
3) Os direitos autorais não dependem da venda, nem tampouco da tiragem. Esta é, em média, de 20.000 exemplares, se se trata de um romance, enquanto que um livro de poesia oscila entre 3.000 e 5.000. Estas tiragens esgotam-se rapidamente; p. ex.,

a lirica de Camões, publicada com a tiragem de 8.000 exemplares, esgotou-se no mesmo dia da publicação.

4) Os livros não se vendem somente em livrarias, mas também em bancas nas ruas, nas fábricas, nas escolas. Muitos livros são comprados pelas bibliotecas, cuja rede é, segundo as estatísticas da UNESCO, a mais densa do mundo.

5) Todos os escritores contribuem com 3% dos seus direitos autorais, de todo o livro ou artigo que publicam, para uma caixa comum, que tem o nome de "Fundo Literário". Este Fundo concede bônus aos escritores que precisam de seis meses, um ou dois anos de férias para concluírem uma determinada obra sua. Apóia a atividade científica e literária; ajuda aos escritores a custearem viagens para o estrangeiro, auxilia-os no caso de doença, etc.

O professor Hampejs, atualmente no Rio, exercendo o cargo de professor visitante da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, falou também, na sua conferência, sobre uma parte integrante da atividade editorial da Tchecoslováquia, que são as traduções de livros estrangeiros, em elevadas tiragens. Da literatura brasileira conhecem-se, traduzidos para o tcheco, doze livros de Jorge Amado, obras de Manuel Antônio de Almeida, Castro Alves, Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Graciliano Ramos e Guilherme Figueiredo. Algumas destas traduções atingiram uma tiragem excepcional. Assim, O Coração saiu com 63 mil exemplares Gabriela Cravo e Canela com 123.000 exemplares. O conferencista informou ainda que estão sendo programadas traduções de escritores brasileiros em tcheco, entre as quais de José de Linhares, Lima Barreto, Rachel de Queiroz, Marques Rebelo, Herberto Sales e outros.



Literatura na Tchecoslováquia

Na foto vemos o professor Zdeněk Hampejs, quando pronunciava sua conferência na sede do PEN Clube, quando dissertou a respeito da literatura tchecoslovaca e a situação dos escritores seus patriotas.

"Dona Expedita" de Lobato Publicado em Lituano

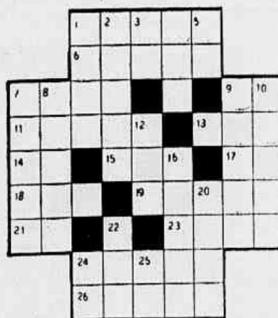


Dia a dia a literatura brasileira se torna mais conhecida no mundo. Sua difusão cresce particularmente nos países socialistas. Mais uma prova de interesse no estrangeiro pelo que se publica em nosso País vem de dar a revista literária e política ilustrada editada em Vilnius, na República Socialista Soviética da Lituânia — "Svyturyrys" (Farol) — publicando um conto de Monteiro Lobato "Dona Expedita". O clichê mostra um fac-símile de uma das páginas da revista que reproduz o conto de Lobato.

Palavras Cruzadas

F. Lemos PROBLEMA Nº 28

HORIZONTAIS: 1 — Par. 6 — Terra lavrada. 7 — Parte inaterial do ser humano. 9 — Artigo feminino plural. 11 — Rumlante da família dos Camélieos. 13 — Governança. 14 — Andava. 15 — Aqui está. 17 — Transitir de um lugar para outro. 18 — Espaço de doze meses. 19 — Rompe. 21 — Décima sétima letra do alfabeto grego. 23 — Nome de um costureiro famoso. 24 — Nome próprio feminino. 26 — Harmonizar. VERTICAIS: 1 — Leite. 2 — Flo de metal flexível. 3 — Sobrenome popular. 4 — Nome próprio feminino. 5 — Sexta nota da escala musical. 7 — Combinar. 8 — Amável. 9 — Aliado. 10 — Curar. 12 — Ar, em francês. 16 — Saudável (fem.). 20 — Fechar as asas, para descer mais depressa. 22 — Moléstia. 24 — Perversa. 25 — Achei graça.



RESPOSTA DO PROBLEMA Nº 27

HORIZONTAIS: 1 — Bate; 5 — Carola; 7 — Ar.H; 8 — Sé; 10 — Rui; 11 — Ar; 13 — Os; 15 — Aro; 17 — Ai; 19 — Oasis; 21 — Tambor; 23 — Lous.

VERTICAIS: 1 — Badio; 2 — Ari; 3 — Tola; 4 — El; 5 — Cri; 6 — As; 7 — Aera; 9 — Eros; 12 — Rasos; 14 — Somo; 16 — Rir; 18 — H; 20 — Abu; 22 — Ai

Teatro Beatriz BANDEIRA

Estável da Cidade de Turim

Essa Companhia italiana da Cidade de Turim, apresenton-nos um panorama do teatro italiano através dos tempos vindo desde Plauto até os dramaturgos contemporâneos. Inteligentemente, motivos de força maior nos impediram de assistir a todos os espetáculos. Vimos, em vespéral oferecida à classe teatral, uma peça do ano 1500 de Angelo Beolco, apelidado o Ruzante, intitulada «La Moscheta». A peça trata de maneira satírica e impiedosa do gosto daquela época, das aventuras de um marido errante, poltrão e enamorado de sua bela mulher. Longos e monótonos monólogos alternam com os diálogos vivos e ágeis, cujo ritmo tornava mais difícil a compreensão de um texto em dialeto de um idioma que nos é pouco familiar. Essa dificuldade de apreensão do texto impossibilitava a apreciação de certos detalhes, mas não do espírito da farsa em si. E quando mais não fosse, vale a pena assistir-se a um espetáculo como esse, em que os artistas dão uma demonstração de técnica, verdadeiramente impressionante. O domínio da expressão corporal, a segurança e beleza das vozes é qualquer coisa de notável. Vê-se que um tal equilíbrio e graça de gestos e atitudes, uma tal riqueza de inflexões vocais são o resultado de um trabalho tenaz e constante, só possível aqueles que se dedicam exclusivamente aos exercícios próprios de sua profissão. E então nós pensamos nos miligramas que deve realizar um profissional em nossa país, o qual para sobreviver trabalha além de suas forças e possibilidades, não podendo nem sequer reservar seu dia de «descanço» para uma justa recuperação. Todos sabemos que no dia do descanso semanal nossos artistas atendem a compromissos em TV, em produtoras de filmes, em emissoras de rádio, alguns inclusive, viajando de um Estado a outro. Onde encontrar, então, o tempo e disposição para a imprescindível ginástica rítmica, na barra, para os exercícios de relax, para os trabalhos de voz? E de que forma evitar que com o correr do tempo e sendo ainda bastante jovens, os efeitos dessa vida exaustiva se reflitam nos corpos prematuramente pesados, sem leveza, sem agilidade, nas vozes tornadas ásperas e até mesmo afônicas? Quantos de nossos atores se podem dar ao luxo de umas justas férias anuais?

NOVOS RUMOS

Diretor Mário Alves
Diretor Executivo Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe Fragmon Borger
Secretário Luiz Fernando Cardoso
Gerente Guttemberg Cavalcanti
Redatores Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Solon Pereira Neto
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7341
Grécia: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO Rua José Bonifácio, 29 — 10º andar — S/ 103 Tel: 37-52-64
Endereço telegráfico «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS Anual Cr\$ 2.000 Semestral » 1.300 Trimestral » 700 Acrea anual mais Cr\$ 100,00, semestral, Cr\$ 30,00; trimestral, Cr\$ 30,00. Número avulso Cr\$ 5,00 Número atrasado » 8,00



Kruschiov e Turé

O primeiro-ministro soviético Nikita Krushchiov tem mantido estreito contato na ONU com os chefes das delegações dos países da África. Aqui vemos-o com o chefe da delegação da Guiné, Ismail Turé.

ONU NA ENCRUZILHADA:

POLÍTICA DO IMPERIALISMO CONTRA VONTADE DOS POVOS

A Assembléia Geral da ONU entrou em sua terceira semana e os países do bloco militar dirigido pelos Estados Unidos ainda não se dispuseram a modificar sua atitude contrária a qualquer entendimento. Os primeiros-ministros da Inglaterra e do Canadá, chamados às pressas para salvar o barco ocidental nada disseram de novo sobre os problemas em discussão. As provocações grosseiras dos primeiros dias foram substituídas por uma atitude menos histérica do Departamento de Estado e da polícia norte-americana, mas o grande silêncio continua. Nenhuma proposta positiva sobre os problemas principais da ordem-do-dia foi apresentada pelos Estados Unidos ou seus aliados. Até o momento, os socialistas e afro-asiáticos, não conseguiram romper a surdez política dos imperia-

listas. Krushchiov, porém, comenta calmo: temos tempo, os camponeses semeiam no inverno para colher na primavera...

O próprio secretário geral da ONU, Dag Hammarskjöld, várias vezes criticado pelos delegados socialistas, africanos e asiáticos, faz um longo discurso entremeadado de frases enigmáticas e acusações infantis, apenas para dizer que pretende continuar defendendo o imperialismo até o fim, enquanto durar a paciência da Assembléia Geral e a pressão dos EUA sobre os países vacilantes. Passando recibo das acusações feitas a Hammarskjöld sobre sua atuação a favor do colonialismo no Congo, as potências coloniais o apóiam.

Enquanto isto, faz-se todo o possível para discutir seriamente os grandes problemas colocados para a ONU na atualidade: o desarmamento, a reforma da estrutura das Nações Unidas, o combate decidido ao colonialismo e o reconhecimento dos legítimos direitos da China a ocupar seu lugar no organismo internacional.

o desarmamento. Significativamente, porém, tanto Eisenhower como Macmillan se limitaram em seus discursos a «declarações de princípio» e a planos «técnicos» cujo único objetivo é enganar a opinião pública. Como disse o próprio Macmillan, mesmo se os «técnicos» chegassem a um acordo, isto não quer dizer que esses resultados seriam definitivamente aceitos pelos governos. O que os ocidentais querem é que se repita o caso de Genebra, onde centenas de reuniões não ofereceram qualquer resultado positivo.

o mundo, a única que pode propiciar a concretização da paz. Por isso mesmo, os círculos militaristas do Departamento de Estado e do Pentágono, principais responsáveis pela política dos Estados Unidos, procuram evitar a sua adoção. Trata-se, porém, de uma minoria tanto em seus países, como, sobretudo, diante dos dois bilhões de homens que defendem a paz e o entendimento entre os povos.

3. Liquidação do colonialismo

Freqüentemente se diz que estamos no século da energia atômica e da conquista da natureza pelo homem, o que é uma verdade. Entretanto, mais de cem milhões de pessoas vivem ainda sob o jugo colonial, em suas diversas formas, e outras centenas de milhões estão sob a constante ameaça de restauração do colonialismo ou possuem uma independência meramente formal, como acontece com grande número de antigas colônias da África e da Ásia e países latino-americanos.

Oito países continuam sob o regime de «tutela» da ONU, não existindo qualquer indicação sobre a data de sua emancipação. Enquanto isto, suas riquezas naturais são pilhadas pelas potências colonialistas e sua população vive na mais completa miséria e ignorância, sendo ainda submetida à repressão sangüinária de todos os movimentos populares pela independência.

Segundo os representantes imperialistas, entretanto, o colonialismo não existe mais. Como disse Krushchiov, os delegados norte-americanos, quando procuram bajular os países africanos e se dizem partidários de sua independência, mais parecem uma «donzela virtuosa» que afirma a altos brados sua virgindade, mas já teve doze filhos de pai desconhecido. A guerra sangüinária de opressão do povo argelino, as manobras de Hammarskjöld e dos EUA contra o Congo, depois das aventuras de Suez, do Líbano e da Jordânia mostram claramente a verdadeira cara desses senhores do pacto militar da OTAN.

Segundo os representantes imperialistas, entretanto, o colonialismo não existe mais. Como disse Krushchiov, os delegados norte-americanos, quando procuram bajular os países africanos e se dizem partidários de sua independência, mais parecem uma «donzela virtuosa» que afirma a altos brados sua virgindade, mas já teve doze filhos de pai desconhecido. A guerra sangüinária de opressão do povo argelino, as manobras de Hammarskjöld e dos EUA contra o Congo, depois das aventuras de Suez, do Líbano e da Jordânia mostram claramente a verdadeira cara desses senhores do pacto militar da OTAN.

4. A entrada da China

Há onze anos, a China derrubou a dominação imperialista e feudal e deu seus primeiros passos na construção do socialismo. 650 milhões de chineses lutam arduamente para acabar com a miséria milenar dos chineses e para dar ao país uma indústria e uma agricultura avançadas. Sózinhos, a China representa um quarto da população do mundo. Dada a sua importância política, econômica e militar, não é possível discutir qualquer assunto importante na ausência da China, quanto mais à sua revelia. Foi exatamente isto que disseram os governantes e delegados da Noruega, Suécia, Índia, Indonésia, Birmânia, Cambódia, Afeganistão, Ceilão, Nepal, RAU, Gana, Guiné, Marrocos, Tunísia, Etiópia, Líbia, Cuba e muitos outros países não pertencentes ao campo socialista.

Para os Estados Unidos e seus sócios, entretanto, o «representante da China» é Chiang Kai-Chek, mantido em Taiwan contra a vontade do povo da ilha chinesa pelos soldados e canhões norte-americanos. Todos os anos, o Departamento de Estado chama os delegados latino-americanos e de alguns países da Europa, Ásia e África e força a Assembléia da ONU a adiar o reconhecimento dos direitos do povo chinês e a continuar nessa situação humilhante de organismo que se pretende «mundial», mas não inclui a nação mais populosa do planeta.

Este ano, como símbolo da importância da China, um dos países que apresentou a proposta de retirada da clique de Chiang Kai-Chek e de entrada da China foi a Guiné, jovem nação africana que se libertou do colonialismo francês em 1958, e se afirma como país independente e progressista. Num só dia, dos doze oradores que discutiram a questão, onze defenderam os direitos da China, e apenas o delegado inglês apoiou os Estados Unidos, dizendo que seu país achava «prudente» adiar o problema por mais um ano...

Esta a grande «política» que o imperialismo apresenta ao mundo: adiar. Protelar enquanto for possível qualquer acordo sobre o desarmamento, sobre a China, sobre a modificação da ONU de conformidade com a realidade mundial, sobre o colonialismo. Não há argumentos para defender esta «política». Há apenas o medo das potências coloniais e imperialistas diante do seu destino inevitável e a manobra desesperada para adiar ao máximo o desenlace final.

A China: Fator de Sobrevivência na ONU

RUI FACÓ

em favor do desarmamento universal — a organização internacional ainda pode ser terreno para negociações construtivas em favor da paz mundial.

Que é necessário para isso? Principalmente que ela se adapte às grandes transformações que se processam no Mundo desde o fim da guerra. Que ela reconheça essas transformações e aja em consequência. Se a China de hoje é a República Popular da China, uma grande potência mundial, por que persistir na manutenção do representante da camarilha de Chiang Kai-Chek na ONU, quando ele nada significa, e não ser um capricho dos imperialistas americanos? Se os povos coloniais quebram as cadeias da opressão secular, por que a ONU em vez de tentar impedir não trata de reconhecer a realidade e aceitá-la? O que é inadmissível é transformar-se a ONU em obstáculo à marcha dos acontecimentos, a um processo histórico irreversível. Neste rumo a ONU se liquida, será levada pela avalanche que inutilmente pensa deter.

Não vale a alegação de que a China não colabora para a paz mundial. Já ninguém acredita mais nessa fábula espalhada pelos inimigos do povo chinês, da revolução chinesa. Ao contrário, a República Popular da China é hoje um sólido baluarte da paz na Ásia e no mundo, porque um fator de libertação dos povos coloniais e dependentes. Sua presença na ONU já não é apenas necessária: é imperiosa como fator já não da existência, mas de sobrevivência da ONU, para o efetivo cumprimento por esta de seu papel de organização para a consolidação da paz entre os povos.

1. Desarmamento

O presidente do Conselho de Ministros da URSS apresentou em seu primeiro discurso na atual Assembléia um plano de desarmamento geral e completo, com várias concessões às posições anteriores dos «ocidentais». Dois problemas que foram explorados ao máximo principalmente pelos Estados Unidos — o controle do desarmamento e a força internacional da ONU — foram abordados por Krushchiov, que concordou com as propostas capitalistas. Foi um primeiro passo no sentido de se chegar a um acordo sobre a questão, dependendo da atitude dos EUA.

A necessidade de retomar as negociações foi salientada por vários governantes afro-asiáticos, em particular Nehru, Nasser, Sukarno e Nkruma. Esses mesmos líderes, juntamente com o marechal Tito, apresentaram uma proposta à assembléia, solicitando que Krushchiov e Eisenhower realizassem uma conferência sob os auspícios da ONU. A resposta de Eisenhower aos cinco dirigentes neutralistas exprime bem a política do Departamento de Estado. Diz Eisenhower que concordará em entrevistar-se com Krushchiov desde que os pilotos do avião espião RB-47, abatido sobre território soviético, sejam devolvidos e que a URSS apresente desculpas aos EUA por ter derrubado um aparelho que invadiu ilegalmente suas fronteiras. Em outras palavras, o Governo norte-americano está disposto a entrar em negociações sobre o desarmamento e a coexistência pacífica... desde que possa continuar com sua política agressiva de guerra fria.

Confiando ainda em sua maioria cada vez mais difícil e artificial na ONU, os Estados Unidos procuram ganhar tempo e vencer pelo cansaço os partidários da paz, fazendo o possível para dar a impressão de que apóiam as negociações sobre

O povo chinês comemorou a 1ª de outubro sua data nacional: o décimo primeiro aniversário da fundação da República Popular da China. Os festejos deste ano, por não se tratar de uma data redonda, não tiveram o brilho e a grandiosidade do ano passado. Não se realizou em Pequim a tradicional parada militar, mas apenas um desfile popular, que no entanto abrangeu meio milhão de pessoas. Não contaram tampouco as festividades chinesas com a presença de

delegações categorizadas dos demais países socialistas. É que a festa da revolução chinesa coincide este ano com uma sessão que pode ser considerada extraordinária da Assembléia Geral da ONU, quando em Nova York se encontram os líderes de Estado e de partido de todos os países socialistas.

A ausência destes líderes em Pequim serviu de pretexto para que a propaganda da reação tentasse confundir a opinião pública apresentando o fato como fruto de divergências entre Pequim e Moscou. Mas o balão não subiu. Enquanto o povo chinês comemorava festivamente sua revolução, o chefe do governo da União Soviética, Krushchiov, propunha na ONU a admissão da China na organização internacional dos povos. A proposta de Krushchiov encontrou, como era natural, decidido apoio de parte de todos os países socialistas e dos neutros, a começar por Nehru. O chefe da delegação da Índia na ONU afirmou categoricamente: «Como é possível chamarmos esta Assembléia de parlamento mundial se dela se exclui uma quarta parte da população da Terra?» (aludindo aos 650 milhões de chineses). E o argumento de Krushchiov faz pensar sobretudo ao governo americano: «Que seria da ONU se os países socialistas fundassem a sua própria organização das Nações?».

Decerto, a situação mundial não atingiu tal ponto de gravidade, embora a sabotagem sistemática dos imperialistas aos esforços pelo desarmamento e pelo alívio da tensão, as tentativas de impedir a libertação dos povos coloniais e dependentes, de que são exemplo os acontecimentos do Congo e a guerra na Argélia. Apesar das sérias insuficiências da ONU — devido à ausência da China, à parcialidade do Secretário geral Hammarskjöld em favor das potências capitalistas, ao boicote a medidas efetivas

Honduras não quer provocações dos EUA no Cisne

O representante de Honduras na ONU, Milla Bermudez, acusou os Estados Unidos de ocuparem ilegalmente as Ilhas de Cisne, pertencentes a seu país, para fazer manobras militares e manter uma poderosa estação de rádio que realiza 24 horas de propaganda contra Cuba por dia. Bermudez criticou ainda o histerismo belicista dos partidários da guerra fria e disse que os problemas que interessam hoje à América Latina são o término da miséria e humilhação em que vivem seus povos e a defesa da soberania cubana.

Ai está a defesa do «mundo livre»... E note-se que Bermudez é um cidadão muito «respeitável», como demonstrou em seu discurso ao dizer que é preciso evitar a «infiltração comunista» na América Latina. O Departamento de Estado terá alguma dificuldade para tachá-lo de comunista, como já fez com o presidente de Gana, Kwame Nkruma, por causa de seu discurso anticolonialista na ONU, e o primeiro-ministro congolês Lumumba, porque se opõe à continuação do domínio imperialista em seu país.

Quem está contra Lumumba?

A República do Congo está dividida em seis províncias: Leopoldville, Equador, Luluaburgo, Quivu, Catanga e Casai. Com exceção das duas últimas, dominadas pelos paraquedistas belgas e por agentes brancos e negros do colonialismo, todas as outras apóiam o Governo do primeiro-ministro Patrice Lumumba. Dos 130 deputados e 80 senadores, 120 mantêm seu apoio ao primeiro-ministro. Grande parte do exército, da polícia e dos funcionários ministeriais resistem a todas as pressões dos golpistas e dos representantes da ONU que sabotam o Governo.

Em outras palavras, só não existe normalidade política no Congo porque os soldados belgas continuam matando os «governos» de Catanga e Casai, massacrando as manifestações dos mineiros e camponeses em defesa da independência do país, e os funcionários das Nações Unidas utilizam sua autoridade para conspirar contra o Governo, apoiando todos aqueles que se dispõem a «colaborar», como Casavubu, Tchombé, Mobutu, Caloni, Ileo e outros. A isto se chama «ajuda» da ONU à jovem nação africana.

EUA defendem Trujillo e trustes ianques

O Governo e o Congresso da Venezuela protestaram contra a decisão dos Estados Unidos de comprar mais de trezentos mil toneladas de açúcar da República Dominicana, contra a resolução da Conferência da OEA que resolveu promover um boicote econômico contra o regime de Trujillo. Essa nova cota concedida agora faz parte do corte de 700 mil toneladas de açúcar cubano.

Os Estados Unidos fizeram todo o possível na Conferência de Costa Rica para evitar a derrubada do regime de Trujillo, ou, pelo menos, para assegurar a sua substituição por outro regime entreguista e ditatorial. A pressão latino-americana, entretanto, evitou a manobra intervencionista destinada a criar um precedente contra Cuba.

A decisão norte-americana mostra o verdadeiro caráter da política do Departamento de Estado. Quando os monopólios açucareiros ianques foram confiscados em Cuba, os EUA realizaram o boicote econômico da ilha. Agora, a despeito das resoluções da OEA, fura o boicote contra Trujillo para proteger os mesmos monopólios instalados na República Dominicana.



A Grande Festa do Povo Chinês

O 1º de outubro é a grande festa anual do povo chinês, sua maior festa: a data aniversário da fundação da República Popular, fruto da revolução que trouxe ao povo chinês a vitória do socialismo. O surgimento da República Popular da China mudou a fisionomia da Ásia e do mundo. Ao seu calor, aceleraram-se as lutas dos povos coloniais

e dependentes por sua libertação, não só no Extremo Oriente como em todo o mundo. Com a China e seus 650 milhões de habitantes, com as gigantescas transformações operadas na economia chinesa, o sistema socialista mundial adquiriu nova consistência. Reforçaram-se as bases da paz universal: as forças do imperialismo e do capitalismo tiveram que manobrar e recuar, na

impossibilidade de resolver suas crises através de método «tradicional», a guerra. Por isso, todos os povos se regozijam com os feitos grandiosos do povo chinês no aniversário de sua revolução. (A foto mostra um grupo de dança de uma das Comunidades agrícolas da República Popular da China numa celebração popular)

BERLIM:

2 Mundos em um só

Reportagem de FRAGMOM CARLOS BORGES
enviado especial de NOVOS RUMOS

A cidade de Berlim tem uma significação particular na vida de cada pessoa de minha geração. Durante os melhores anos de nossa juventude, estivemos com a atenção voltada para ela. Primeiro, numa atitude de apreensão e de ódio; depois, de satisfação e alegria; e, por fim, de confiança e de admiração.

No começo, era a sede do nazismo. Todo poderoso, arrogante e implacável. De lá partiram as ordens para a deflagração da maior guerra que a humanidade conheceu, e que atingiu em cheio a nossa geração. Durante longos meses, que pareceram séculos, nosso olhar se voltou para Moscou e Stalingrado, onde se travavam as batalhas que decidiriam a sorte da humanidade. E daí voltamos mais uma vez a olhar para Berlim, meta a ser atingida pelas tropas libertadoras que poriam fim àquela guerra desumana e cruel. E saímos às ruas, e cantamos e pulamos, e dançamos e gritamos, extravasando o contentamento quando os soldados soviéticos içaram a bandeira vermelha no alto do Reichstag.

Era o fim de uma época e o começo de outra.

Dai por diante, Berlim seria símbolo de um futuro melhor e sede de um regime que coloca o homem no centro de suas preocupações e a paz como a aspiração maior de todos os povos. Isto, porém, não durou muito. E Berlim voltou a chamar a atenção de toda a humanidade, porque em uma metade da cidade continuavam encasteladas forças que não desejavam e não desejam a paz, e que preparavam e preparam uma nova guerra.

Pensávamos nessas coisas enquanto o aparelho da LOT, empresa polonesa de aviação, partiu de Paris em direção à Capital da República Democrática Alemã. E ainda pensávamos nisso quando o avião fazia a tomada de campo e aterrissava, naquela tarde cinzenta e chuvosa de agosto. Estávamos pisando terras socialistas.

Encontro com a realidade

Do Aeroporto à cidade, à margem da estrada estreita e mal pavimentada, fomos dividindo aqui um retrato de Kruschov, acolá um de Ulbricht, que assinalavam a passagem do chefe do Governo soviético, quando de seu regresso da malograda Conferência de Paris. Só quando penetramos na cidade, e circulamos por suas ruas e avenidas, antigas ou modernas, é que entramos em contato com a realidade, e começamos a compreender o que é Berlim dividida ao meio. O carro fazia voltas desnecessárias, como se estivéssemos andando em taxi no Rio ou em Paris, onde os motoristas ganham por quilômetro rodado. Acontecia, porém, que esta rua ou aquela avenida não podia ou não devia ser atravessada porque ali começa a outra Berlim, a Berlim de Adenauer, a Berlim ocupada pelas tropas dos Estados Unidos, da

França e da Inglaterra. E assim, driblando o capitalismo e fugindo dele, chegamos à Casa dos Hóspedes, do Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, como seus hóspedes que éramos.

Como iludidos estávamos ao acreditar que aqueles caibros pintados de vermelho e branco — marcos divisórios das duas Berlim — nos separavam do capitalismo! A divisão de Berlim só existe no mapa, ou em suas ruas e avenidas. Na verdade, Berlim é uma cidade só, onde o capitalismo e o socialismo convivem como gato com rato. Naturalmente os papéis se invertem de acordo com o local onde o drama tem lugar.

Dois mundos num só

Passei uma semana em Berlim Democrática, e senti como duas concepções de vida, radicalmente distintas, se entrecruzam e ao mesmo tempo vivem juntas. A um mesmo fato, político, econômico ou social, os seus vizinhos de banco no Metrô, no Elevado, no ônibus ou no bande, ou simplesmente na mesa de um bar, podem reagir de maneira completamente diferente: um como capitalista, outro como socialista, um como pessoa ainda impregnada da ideologia da propriedade privada, do egoísmo, do individualismo, do revanchismo; outro como pessoa que pensa de maneira inteiramente nova, possuidora de uma ideologia humana e pacifista.

Lá chegamos quando acêsa era a disputa para seleção dos atletas que deveriam compor a delegação única da Alemanha às Olimpíadas de Roma. Rádio e televisão transmitiam todos os lances das competições, e os jornais noticiavam com destaque os resultados. Se o atleta vencedor era da Alemanha Democrática, ouvia-se, frente aos aparelhos de rádio ou de televisão, um urro de satisfação e alegria, ao tempo em que alguns poucos revelavam seu ar de desalento. O silêncio no entanto, era a resposta, se acontecia o contrário. O inverso, naturalmente, se verificava na outra Berlim.

Berlim é assim. Uma cidade diferente.

Dois mundos separados por um passo

Por que assim acontece? Porque Berlim é uma cidade dividida por uma linha de 42 quilômetros em uma fronteira aberta. O tráfego é livre entre as duas Berlim, sem controle, salvo em ocasiões especiais quando assim determinam os interesses da segurança do socialismo. Esta linha divide ruas, avenidas e até casas ao meio. Com 20 centavos qualquer pessoa toma o metrô ou o trem aqui, e dois minutos depois está no capitalismo. Nem precisa gastar dinheiro. Basta atravessar uma

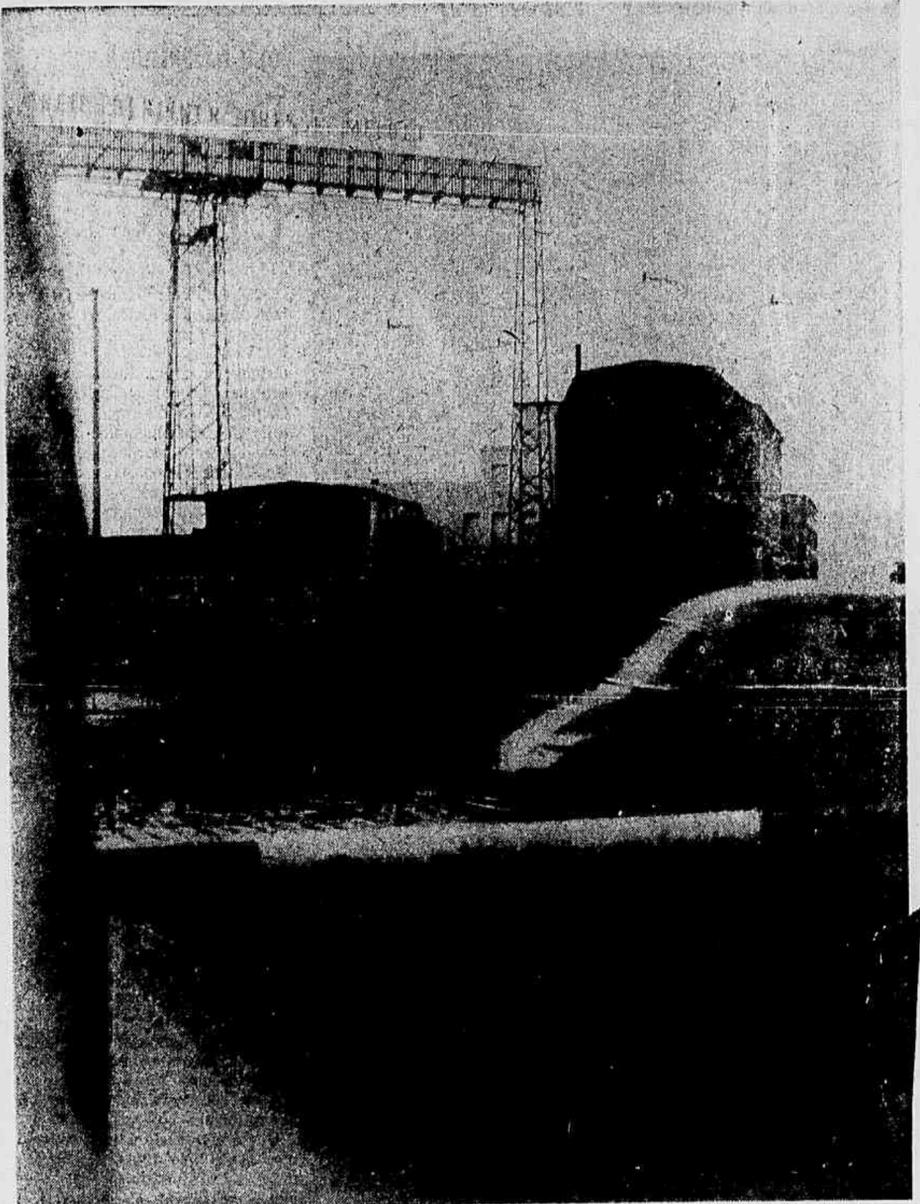
rua ou praça, basta, em certos lugares, sair da sala de estar de sua casa e dirigir-se à cozinha.

Trezentas mil pessoas trafegam, diariamente, entre as duas Berlim, mudando do socialismo ao capitalismo, e vice-versa. Dez a quinze mil operários moram na Berlim Ocidental e trabalham na Berlim Democrática; trinta a trinta e cinco mil pessoas moram na Berlim Democrática e trabalham no setor ocidental. São operários especializados. Têm seus lares no socialismo, no socialismo seus filhos são criados e educados, mas trabalham para o capitalismo; moram no capitalismo, no capitalismo seus filhos são educados, mas trabalham para o socialismo. Dezenas de milhares de pessoas vivem e trabalham aqui, mas têm parentes lá; dezenas de milhares de pessoas vivem e trabalham lá, mas têm parentes aqui.

Esta divisão artificial de Berlim, que embora seja uma cidade só é ao mesmo tempo duas cidades completamente independentes, cria, naturalmente, graves problemas. O do tráfego é um deles. Não há um plano unificado. Os trens (elevado e metrô) que circulam nas duas Berlim, obedecem a uma só direção, exercida pela Berlim Democrática. As suas estações, em Berlim Ocidental, são administradas pela municipalidade do setor democrático. O mesmo, porém, não acontece com os serviços de bondes e troleibus, que são independentes e não têm nenhuma ligação entre si. Idêntica é a situação dos telefones: as duas Berlim não possuem ligação direta. Dá-se o fato curioso de uma pessoa desejar falar com um parente ou conhecido do outro lado da rua, e a ligação ter de ser feita através de Hamburgo, cidade situada a mais de 250 quilômetros de Berlim. É melhor e mais prático atravessar a rua...

Isolada de seu hinterland

Berlim Ocidental é uma cidade completamente isolada de seu hinterland natural. Suas fontes de matérias-primas estão situadas a mais de 300 quilômetros. Isso é uma das causas por que Berlim Ocidental não tem desenvolvimento econômico igual ao de Berlim Democrática. Apesar disso, as forças de ocupação e o próprio Adenauer criam toda sorte de obstáculos ao intercâmbio comercial entre Berlim Ocidental e os países do campo socialista. Apenas 3% de seu comércio exterior é feito com esses países.



Luminoso calúnia

Não satisfeitos com as cinco estações de rádio que possuem em Berlim Ocidental, as tropas de ocupação e Adenauer instalaram jornais luminosos em vários pontos da fronteira, como o que vemos na foto. Este luminoso está situado em plena Praça Potsdam, que a linha divisória corta ao meio. A calúnia é o seu frasco.

Isto, naturalmente, traz graves consequências para os seus moradores, como o desemprego e a carestia da vida. Como em toda a Alemanha Ocidental, o desemprego não é pequeno. Um deputado de Berlim Ocidental, que acompanhou o revanchista Brentano em sua recente visita ao Brasil, declarou à imprensa que, em Berlim Ocidental, o desemprego estava caindo de nível, existindo atualmente apenas 25.000 desempregados. Na verdade, o seu número varia em torno dos 100.000. Além disso, deve-se levar em conta que Adenauer recruta, entre os desempregados de Berlim Ocidental, grande parte de seus soldados. Em cada dez, um é de Berlim Ocidental. Quanto à carestia, nem é bom falar. Os aluguéis levam cerca de 40 a 50% dos salários, enquanto na Berlim Democrática não alcançam, em média, 10%. Transporte, gás, energia elétrica, combustível e água são muito mais baratos na Berlim Democrática. O mesmo acontece com a maioria dos gêneros alimentícios. Uma terça parte dos ce-

reis custa 50% menos do que na Berlim Ocidental.

Por que esta situação continua por tantos anos? Por que não se assina o Tratado de Paz com a Alemanha e não se põe termo à ocupação de Berlim Ocidental? Por que não aceitam os Estados Unidos e seus aliados a proposta de transformação de Berlim Ocidental em uma cidade livre?

Cabeça de ponte da guerra fria

Por que Berlim Ocidental é uma ilha capitalista incrustada no campo socialista, e base de espionagem, de provocações, de acirramento da tensão internacional. É uma cabeça de ponte da guerra fria.

Berlim era uma só, ocupada provisoriamente pelas quatro grandes potências, aliados durante a guerra contra o nazismo. Os Estados Unidos, que tanto pressa tiveram em assinar um Tratado de Paz com o Japão, sem qualquer consulta à União Soviética, protegem qualquer medida nesse sentido com relação à Alemanha, e respondem negativamente a todas as propostas feitas pela União Soviética e pela República Democrática da Alemanha, tendentes a solucionar não só o caso de Berlim mas de toda a Alemanha em bases democráticas e pacíficas.

Um dos primeiros passos para a divisão de Berlim em duas cidades independentes, foi Jado pela Alemanha de

Adenauer, de comum acordo com os Estados Unidos. Em 1948 foi feita, na Alemanha Ocidental, uma reforma monetária, o que obrigou a Alemanha Democrática a fazer o mesmo. Toda a Berlim teria apenas uma moeda, foi o que ficou acertado entre as potências de ocupação — a moeda da República Democrática da Alemanha. Mas os Estados Unidos e seus aliados não respeitaram também este acordo, e impuseram em Berlim Ocidental a moeda da Alemanha Ocidental. Este foi um passo decisivo para a divisão, e transformação aberta de Berlim Ocidental em base de espionagem e provocações.

Ali existem cerca de 80 organizações de provocadores que trabalham para esse fim. A imprensa é das maiores do mundo. Para cada habitante há 3 exemplares de jornais, todos anticomunistas. Há cinco estações de rádio. Há os jornais luminosos. Ali existem, os dezanos, cabarés e cassinos onde o desvaio capitalista tem trânsito livre e para os quais procuram atrair a juventude de Berlim Democrática com o fim de corrompê-la. Bebidas alcoólicas são 30% mais baratas do que no setor democrático. Também mais baratos são os cinemas, onde se exibem filmes de propaganda guerreira, de crime, de gangsterismo e de sexo, em sua maioria americanos. E dali partem, vez por outra, grupos de jovens embriagados, para fazer provocações no setor democrático.

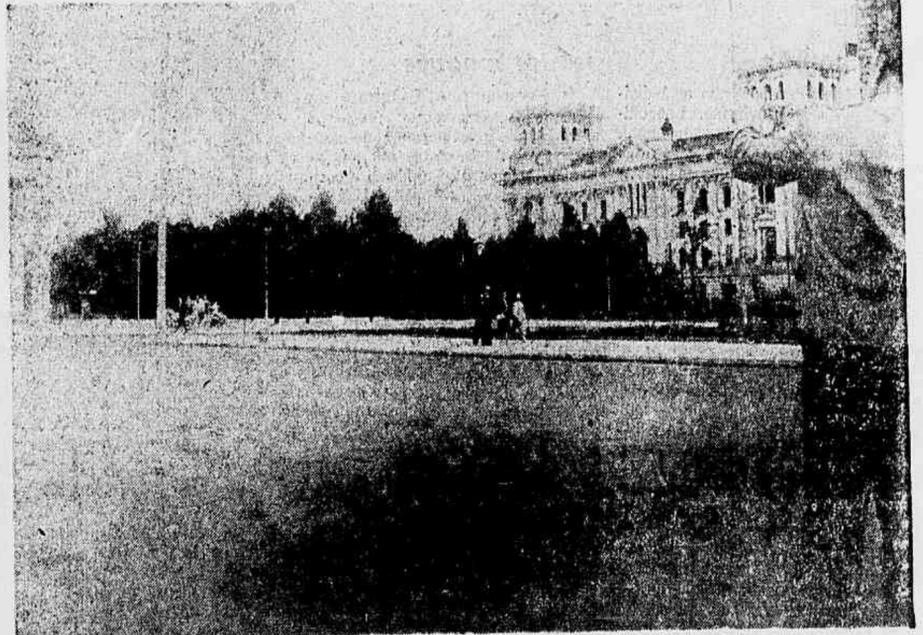
Por isso, Berlim continua dividida.

NOVOS RUMOS



Porta aberta

Esta é a porta de Bradenburgo, situada na linha que divide Berlim em duas. Por aqui, diariamente, milhares de pessoas passam do capitalismo ao socialismo, e vice-versa. Intenso é o tráfego de automóveis, submetido a um controle formal: apresentação de documentos. No alto, tremula a bandeira tricolor da República Democrática Alemã



Revivendo Hitler

A direita da porta de Bradenburgo, do outro lado, está o antigo Reichstag (foto). Com o consentimento e a ajuda das tropas americanas, Adenauer mandou restaurar todo o edifício, destruído pela guerra, e nele pretende reunir, este mês, a Câmara dos Deputados da Alemanha Ocidental. No topo, a bandeira da Alemanha Ocidental. Mais uma provocação.

Os Velhos Cantam Nas Feiras os Jovens Querem Moscou

RUI FAGÓ

As modificações de caráter econômico já salientadas e que observamos no interior de todo o Nordeste — embora a estrutura agrária se conserve fundamentalmente latifundista e semifeudal — refletem-se na ordem espiritual, na ideologia dos habitantes da região. Já vimos o desaparecimento do velho culto místico ao padre Cícero, o tauraturgo meio rebelde à Igreja Católica e que, por isso mesmo talvez, acalentou esperanças em grandes massas atrasadas num outro «caminho da salvação». Mas o domínio espiritual da Igreja Católica sobre aquelas populações é absolutamente infirme, superficial, fluido. Com a decadência dos grandes proprietários territoriais — os coronéis, outrora poderosos e prepotentes — afrouxaram-se os laços do servilismo rural. Essa população miserável ficou em disponibilidade não só econômica mas também ideológica. A burguesia comercial ou o pequeno artesão ainda eram demasiado débeis para ocupar o lugar da velha força em decadência — o latifúndio.

Formou-se como que um vácuo. A população pauperizada do Nordeste está sendo atraindo hoje por correntes ideológicas as mais diversas.

Cantadores de feira

Encontrei ainda na grande feira do Crato — formidável concentração de nordestinos de todos os quase todos os Estados — os cantadores do tipo tradicional, com suas violas ou harmônicas, em desafios. Outros, mais modernos, apregoavam folhetos de sua autoria e cantavam seus próprios versos, em meio a um círculo de curiosos. Exaltam o padre Cícero e apregoam calamidades em forma de profecias, utilizando seu nome. Lampião continua personagem dileto dos folhetos populares que encontrei nas feiras do Ceará à Bahia. Alguns desses folhetos são uma sátira magnífica às autoridades, segundo a sutil concepção do sertanejo. O autor de um deles, Severino Gonçalves de Oliveira, descreve a «Eleição do



A Voz do PADRE CICERO

Preço — Crs 10,00

Diabo e a posse de Lampião no Inferno». — Lampião substituiu o Diabo depois que este

«Chamou Lampião e disse: amigo eu vou lhe dizer: por mim a questão está finda tome conta do poder eu já jurei no caderno que o trono do inferno quem determina é você».

Depois, o famigerado bendoleiro escolhe seus auxiliares

«Lampião disse: eu aqui gente ruim não aceito Cambeta é o delegado Satanaz é o prefeito Coxinho é o promotor Capataz o senador Lucifer juiz de direito».

Editor prop. José Bernardo da Silva
**VISITA DE LAMPEÃO A' JUAUEIRO
NO ANO DE 1926**



Outro bandido lendário, Antônio Silvino, permanece vivo na poesia popular nordestina como um de seus heróis prediletos. São numerosos os folhetos que lhe cantam a vida e as aventuras de cangaceiro invencível durante vinte anos. «O grande e verdadeiro romance de Antônio Silvino» é uma minuciosa descrição de seus encontros com as forças que o perseguiram e que eram sempre derrotadas. Há um sentimento de enorme euforia nestas vitórias de Silvino. No fim, o cantador abandona os versos e explica em prosa mesmo: «Atenção: Antônio Silvino não morreu de morte trágica, morreu em paz, demonstrando que os bens que fez superaram os males que praticou».

Caminhos diferentes

Mas, observei bem, a jovem geração já não se impressiona com essas histórias. Ela está muito mais impregnada da realidade atual do que seus pais que ainda cantam esses versos de endoamento a homens rústicos que expressavam, num passado recente, de maneira primária, a revolta dos oprimidos do meio rural.

A mocidade procura outros rumos.

A burguesia comercial que surgiu no Ceará — sobretudo no Crato e em Juazeiro — está tentando, e com relativo sucesso o consegue, preencher aquele vácuo deixado pelo latifúndio em decadência. A Igreja Católica faz grandes esforços para tomar a frente desse empreendimento numa sociedade que se modifica tanto devido às transformações de ordem econômica operadas na região (o surgimento de indústrias de consumo, o incentivo do comércio, a melhoria dos transportes e a possibilidade imediata de novas mudanças com a energia de Paulo Afonso), como pelo reflexo do desenvolvimento do sul do País. Crato conta hoje com 4 ginásios, sendo três da Igreja e um do Estado. Este último só foi fundado este ano. Quer dizer, antes a Igreja Católica dominava absoluta a instrução secundária na grande cidade cariense. Existe ainda um Curso de Contabilidade na Associação Comercial, uma Escola de Comércio, uma Faculdade de Filosofia, também da Igreja, uma Escola de Agronomia e, em fase de conclusão, um Centro de Tratoristas. Estão sendo instaladas mais duas escolas superiores uma Faculdade de Ciências Econômicas e outra de Odontologia.

Naturalmente, como ocorre em todo o Brasil, o estudo aí ainda é privi-

legio de uma minoria, dos filhos de famílias abastadas, pois a juventude pobre quando consegue estudar o faz com grandes dificuldades, trabalhando simultaneamente.

Dessa juventude é que se destacam hoje, tanto em Juazeiro como no Crato, combativos participantes do movimento nacionalista. Dêles me falara o padre Gomes, na palestra que mantivemos em sua residência no Colégio Salesiano. Mencionou-se com evidente simpatia. Tive oportunidade, logo depois, de adquirir o jornal por eles editado O Nacionalista, órgão da Frente Estudantil Nacionalista e que tem por lema «A Petróbrás é intoxicável».

O despertar da Juventude

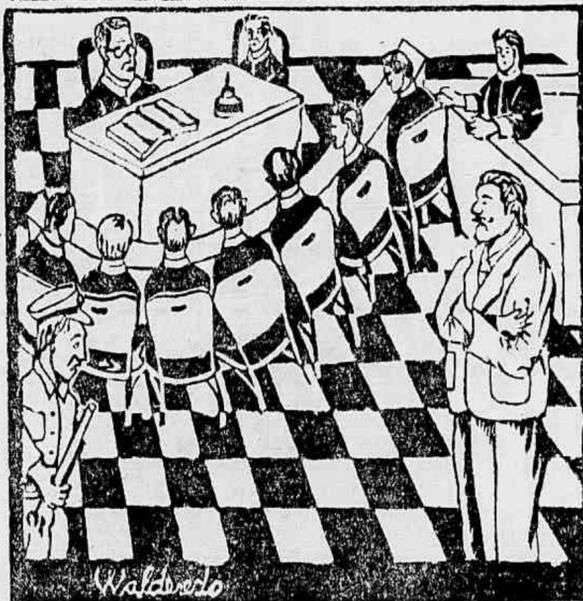
Depois, de volta a Juazeiro, pude comprovar mais uma vez o despertar dessa juventude interiorana dos sertões nordestinos. Encontrava-me novamente no sítio de meu amigo quando recebe ele a visita de um jovem. Este lhe traz uma carta que deveria ser enviada a uma filha sua em Fortaleza. Mas o rapaz dá a conhecer o conteúdo da carta: deseja obter informações mais detalhadas sobre a Universidade da Amizade dos Povos, que a imprensa anunciara estava franqueada pelo governo da União Soviética aos jovens dos países subdesenvolvidos. O dono do sítio me faz, na presença do jovem, algumas perguntas a respeito. Eu respondo o que sei: que a Universidade começa a funcionar este ano, tendo portanto apenas o primeiro ano; que admitirá 500 alunos de todos os países subdesenvolvidos, que, assim, o número de vagas para candidatos do Brasil não será grande, uma vez que deveriam satisfazer pedidos de todos os demais países da América Latina, assim como da Ásia e África.

A conversa se prolonga, e quando o dono do sítio diz finalmente ao jovem visitante que eu conhecia a União Soviética, lá estivera como correspondente da imprensa, ele não se contém:

— Então, por favor, o senhor espere aqui uma meia hora que eu vou buscar um amigo meu, estudante tam-

Editor prop José Bernardo da Silva

Antonio Silvino no Juri DEBATE DE SEU ADVOGADO



Waldoberto

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 7 a 13 de outubro 1960

Nº 84

Editor Prop.: JOÃO JOSÉ SILVA

Uma das maiores proezas que ANTONIO SILVINO fez no sertão pernambucano



PREÇO — Crs 10,00

bém, que deseja muito conversar com alguém que tenha vivido lá...

Dentro em pouca voltava com um grupo de jovens entre 16 e 20 anos.

A Eleição do Diabo e posse de Lampião no Inferno



Preço — Crs 3,00

Sua curiosidade, naturalmente, era enorme. Perguntaram sobre tudo: o ensino, o inverno, os hábitos do povo, condições de vida, se as russas eram bonitas ou feias...

Quase todos eles haviam escrito à Universidade da Amizade dos Povos pedindo para serem admitidos. Tinha conhecimento do anúncio da Universidade tanto pela imprensa brasileira, como através da Rádio de Moscou.

Aspiram a uma vida nova

Esses jovens não acreditam mais nas velhas lendas espalhadas durante quarenta anos pela região: de que quem vai à União Soviética não mais volta, é submetido a trabalhos forçados e que a Sibéria é um sorvedouro de vidas humanas... Um dos jovens me conta que um seu tio ficara apavorado ao saber de seu desejo de estudar na União Soviética — na Rússia. E chegara ao ponto de lhe prometer enviá-lo à Itália, contanto que desistisse de seu propósito. Afirmei-me:

— Não aceitei. Ou a Rússia ou a Tchecoslováquia, um daqueles países. Quero conhecer uma vida nova...

É este um anseio que se generaliza entre a juventude do interior. Ela sente que velhos laços de sujeição se estão rompendo. Sente o enorme contraste entre a sua maneira de pensar e não só a de seus avós, como a de

seus próprios pais. O mundo em revolução, que há quarenta anos era simplesmente quimérico ou de todo desconhecido, hoje está ao alcance de suas mãos de jovens, que lêem jornais de Fortaleza e Recife no mesmo dia e ouvem a Rádio de Moscou, de Praga e Pequim.

Isto não significa que as definições ideológicas sejam claras e precisas. Sobre elas influem grandemente ainda as condições de vida, o entrelaçamento passivo de formações econômicas contrapostas: os remanescentes feudais e o capitalismo em desenvolvimento. Mesmo entre comunistas encontrados pelo Nordeste comunistas católicos, comunistas protestantes, comunistas maçons, comunistas espíritas. Estive na casa de um deles em cuja sala se encontravam, lado a lado, uma imagem de Cristo e dois grandes retratos de Stalin e Prestes.

Em Crato, um comerciante jovem me apresentou um filhinho de cinco anos de idade. Chamava-se Carlos Marx. Em sua biblioteca se encontravam as últimas edições de livros marxistas lançados no Rio e em São Paulo. Livrarias católicas vendem publicações marxistas e revistas de divulgação do socialismo.

Aquela curiosidade dos jovens de Juazeiro pelas realizações da União Soviética — no terreno econômico, cultural, científico — vi por toda parte, desde Juazeiro até Vitória da Conquista, na Bahia culminando com uma animada sabatina a que me submeteram na sede da Câmara Municipal de Goiana, em Pernambuco, poucas horas depois de minha chegada à cidade.

É esse o Nordeste que ressurgiu, o Nordeste que está obrigando as forças econômicas do Sul — que até agora se limitaram em explorá-lo impiedosamente — a considerar não só o seu presente como o seu futuro. Porque a população nordestina, curtida em séculos de sofrimentos, está firmemente decidida a cuidar ela mesma de seu futuro.

ESTRELLA DA POESIA

Antonio Silvino



Preço, Crs. 20,00

OPA em Bogotá Fêz Grandes Progressos... em Palavras

Dicionário

A Divisão Social do Trabalho e a Troca

Terá razão o sr. Augusto Frederico Schmidt ao enaltecer, como vem fazendo, os resultados da Conferência econômica de Bogotá? Estará aí, como sugere ele, a solução para os grandes problemas que a América Latina enfrenta? Uma análise da recente entrevista do sr. Schmidt mostra que não se pode dar resposta afirmativa a nenhuma das duas indagações.

Segundo o sr. Schmidt, a delegação norte-americana ao conclave aceitou os postulados básicos mais essenciais da Operação Pan-Americana e isso, para ele, é tudo. Esses postulados, nas suas próprias palavras, consistem, em primeiro lugar, em que o objetivo central da OPA «é o desenvolvimento econômico acelerado da América Latina dentro do regime democrático e a liberdade individual, da livre iniciativa econômica para o setor privado, atribuindo-se ao governo um papel coordenador, porém dinâmico, inovador e supletivo».

Tal desenvolvimento, acrescenta o chefe da delegação brasileira a Bogotá, pressupõe uma assistência de capitais estrangeiros públicos ou privados, ou ambos. Não o disse explicitamente o sr. Schmidt, mas os capitais a que se refere são os norte-americanos e europeus ocidentais, uma vez que amarra os objetivos econômicos da OPA aos objetivos políticos do chamado mundo livre.

E aí está, precisamente, a primeira grande contradição: esperar ajuda para o desenvolvimento, precisamente daqueles que estão interessados não em que nos desenvolvamos, mas em espoliar-nos.

A alternativa

Fora disso, para os defensores da OPA só existe a alternativa do Estado policial. Eis as palavras de Schmidt: «Caso contrário, só um Estado organizado policialmente, capaz de comprimir o consumo do povo, poderia obter os recursos puramente nacionais capazes de acelerar o processo de desenvolvimento a uma taxa adequada.» Posição idêntica, como se vê, à do sr. Roberto Campos. Nenhum dos dois é capaz, sequer, de considerar a possibilidade de que os recursos nacionais para o desenvolvimento provenham — não da restrição do consumo do povo, já baixíssimo — mas sim daquelas fontes de onde devem de fato proceder: da contenção da evasão dos recursos nacionais praticada pelo capital estrangeiro e de uma melhor redistribuição das riquezas hoje feita em favor de setores econômicos e

sociais anacrônicos. Nenhum dos dois, igualmente, é capaz sequer de considerar a possibilidade de que a complementação desses recursos internos provenha dos países socialistas.

Ambos são cegos para a realidade dos nossos dias: os povos podem optar, podem escolher as fontes de ajuda externa. Por isso, o sr. Schmidt arma o dilema: ou «ajuda» imperialista, ou o «Estado policialmente organizado». Na sua miopia, o sr. Schmidt não vê nem mesmo o Estado cubano, que rompeu com o círculo de ferro do imperialismo, aceitou a ajuda dos países socialistas — em vias de produzir a metade da produção industrial do mundo —, sem que para isso tenha tido a necessidade de transformar-se no Estado policial de que fala o sr. Schmidt. Pelo contrário, Cuba é hoje o Estado mais democrático da América, se se considerar o conteúdo concreto do lema — «governo do povo, pelo povo e para o povo».

A «taxa adequada de crescimento»

Entende o sr. Schmidt por «taxa adequada de crescimento» uma taxa tal que diminua a distância que separa o Brasil dos «vanguardeiros do mundo econômico de hoje» e, por outro lado, que atenda o veloz crescimento demográfico da América Latina.

Ainda aí peca o sr. Schmidt por falta de clareza. Que se deve entender por «vanguardeiros do mundo econômico de hoje»? Os países do capitalismo clássico, cujos ritmos de desenvolvimento são bastante lentos e cuja perspectiva é a decadência? Ou os países socialistas, que avançam a galope para a abundância dos bens materiais e espirituais? Os Estados Unidos, com uma taxa média anual de crescimento de 2,5 por cento, ou a URSS, com seus 10 por cento anuais, apesar dos tantos anos de guerras e destruições que sofreu na sua jovem existência? Uma taxa de crescimento de 4 por cento anual, a julgar pelas palavras do sr. Schmidt, seria satisfatória para o Brasil, já que estaríamos diminuindo a distância que nos separa dos Estados Unidos, por exemplo. A tal ritmo, dentro de 80 ou 100 anos, seríamos um país desenvolvido... Mas, é claro como água que o povo brasileiro não aceita esse passo de cágado, muito menos quando os sputniks tornam impossível esconder a existência

de outros países que conseguiram resultados incomparavelmente melhores em curtíssimo espaço de tempo.

Os objetivos em Bogotá

Fixou em seis pontos o chefe da delegação brasileira, os objetivos a serem atingidos em Bogotá. Eis-los:

- 1º — Quantificação das metas do desenvolvimento latino-americano;
- 2º — Compromisso de assistência externa adequada, determinada à luz dessas quantificações;
- 3º — Abandono, por parte dos Estados Unidos, da tese de que «a casa tem de ser posta em ordem» antes da assistência, comumente conhecida como tese do Fundo Monetário Internacional;
- 4º — Abandono da tese de que a assistência externa só deverá cobrir bens importados;
- 5º — Abandono da tese de que os países latino-americanos não podem acelerar o seu desenvolvimento por incapacidade tecnológica de absorção rápida de recursos;
- 6º — Abandono da tese ideológica do desenvolvimento por capitais privados estrangeiros.

Considera o sr. Schmidt que em Bogotá foram alcançados formalmente todos esses objetivos, menos o primeiro. Mesmo este, porém (a quantificação das metas de crescimento), «acabou ficando implícito», em virtude dos demais compromissos assumidos.

Antes de outras considerações sobre os «objetivos em Bogotá», registremos a expressão do próprio Schmidt: «São esses enormes avanços conceituais... Sim, em

têrmos conceituais, em palavras, pode-se conceber que o chefe da delegação brasileira tem alguma razão para a euforia que demonstra. Mas, passemos dos conceitos aos fatos, à realidade.

O objetivo ausente

Seis são os objetivos do sr. Schmidt e da OPA, mas em nenhum deles figura aquele que deveria ser o primeiro objetivo latino-americano em Bogotá: a fixação em bases justas dos termos de troca, ou a troca equivalente de mercadorias. Uma das principais causas, senão a principal, das dificuldades econômicas da América Latina deriva do fato de que os produtos que nós exportamos têm seus preços sistematicamente aviltados e, como não dispomos de outras fontes de obtenção de divisas, no mesmo tempo em que os produtos de importação têm seus preços aumentados ou pelo menos estabilizados, a consequência é a diminuição da nossa capacidade de importar. Para comprar máquinas e outros meios de produção — que por não produzirmos devem ser adquiridos no exterior — dispomos de uma quantidade decrescente de divisas, em face da desvalorização dos nossos produtos.

Eis aqui alguns números tomados do último «Estudo Econômico para a América Latina», referente ao ano de 1959, elaborado pela CEPAL, organização da ONU. Atribuindo-se aos preços de 1955 o índice 100, em 1959, os preços dos principais produtos de exportação da América Latina apresentavam-se na seguinte posição:

		Redução ou aumento
Açúcar	para os EUA	107 + 7%
	para outros mercados	91,7 - 8,3%
Café	«Santos 4» (Brasil)	64,8 - 35,2%
	«Manizales» (Colômbia)	70 - 30%
Cacau	«Bahia superior»	97,8 - 2,2%
Algodão	México	76,5 - 23,5%
	Brasil	70,9 - 29,1%
	Peru	73,8 - 26,2%
Carne	99,7 - 0,3%
Trigo	90,7 - 9,3%
Milho	81,2 - 18,8%
Lã	91,5 - 8,5%
Cobre	67,6 - 32,4%
Estanho	106,1 + 6,1%
Chumbo	67 - 33%
Salitre	91,2 - 8,8%

Como se vê, exceção feita às importações norte-americanas de açúcar, cujos preços são mais elevados para proteger os produtores norte-americanos, e ao estanho, que para compensar o aumento do preço teve o seu volume de exportação reduzido, conforme destaca a CEPAL, todos os demais produtos sofreram sensível redução nos seus preços. E são eles que geram os dólares com os quais a América Latina compra as máquinas para industrializar-se. Como se pode falar seriamente em êxito em Bogotá quando esse problema foi posto de lado, ou tratado num plano secundário?

As próprias alusões aos recursos externos para o financiamento do desenvolvimento não vão

além do terreno mais geral. Nada de concreto existe na Ata de Bogotá. E mesmo em termos conceituais, será lícito depositar qualquer esperança em recursos de

origem norte-americana, quando o que acabamos de ver no FMI foi precisamente a confissão dos Estados Unidos que já não podem continuar «ajudando» os subdesenvolvidos e apelando para que a Europa Ocidental alivie os Estados Unidos dessa «carga»?

A única delegação que propôs algo de concreto em Bogotá foi a cubana. Voltou a apresentar a cifra que já na Conferência econômica de Buenos Aires considerava necessária para ajudar eficazmente o desenvolvimento da América Latina, isto é, 30 bilhões de dólares no prazo de 10 anos. Por ser uma proposta séria, formulada em termos concretos — e não conceituais — nem sequer foi considerada. Nem mesmo um mínimo — se se achasse excessiva a proposta cubana, e não o é — foi sugerido. Enfim, nada de concreto, nenhum compromisso que possa vir a ser cobrado dos Estados Unidos saiu da Conferência de Bogotá.

Ilusão e realidade

É conhecida a nossa opinião a respeito da Operação Pan-Americana. Não há nenhum fundamento para esperar que o imperialismo norte-americano, o principal responsável pela situação de atraso e miséria da América Latina, se transforme agora em seu contrário e passe de espoliador a agente do desenvolvimento. Mesmo os 500 milhões de dólares que os Estados Unidos prometem à América Latina para «assistência social» são problemáticos e ainda estão sujeitos a uma confirmação pelo futuro Congresso norte-americano, a ser eleito nas eleições de novembro próximo.

Isto não quer dizer que a América Latina não possa obter concessões dos Estados Unidos no terreno econômico. São possíveis acordos para a estabilização dos preços dos produtos primários e das matérias-primas e também a obtenção de financiamentos públicos norte-americanos. Nunca, porém, adotando a posição conciliadora e servil que caracterizou a delegação brasileira e todas as demais — exceto a cubana — em Bogotá, como antes em Costa Rica. Nesse particular, é ainda Cuba quem aponta aos países do Continente o caminho a seguir: a quebra do monopólio no comércio exterior, arrancando-o da dependência dos trustes norte-americanos e a busca de auxílio e financiamentos externos também no mundo socialista.

A política de pires na mão jamais conduzirá à coisa alguma. Além dos «avanços conceituais» poderá servir aos fins de promoção pessoal do sr. Schmidt e dos que aprovam tal política. E só.

Nota A Sensibilidade Econômica do US\$ Dólar

Se são muitos os problemas que agitam a reunião dos governadores do Fundo Monetário Internacional, nenhum é tão importante quanto a situação econômica dos Estados Unidos. As pesadas nuvens de uma nova crise delineiam-se com nitidez cada vez maior, apesar de que não faz sequer dois anos que os Estados Unidos emergiram de fenômeno semelhante. De fato, os governadores têm fundados motivos para preocupar-se: é que uma crise norte-americana repercutirá inevitavelmente sobre toda a economia do mundo capitalista.

O agravamento da situação econômica nos Estados Unidos apresenta dois aspectos que estão intimamente vinculados. Um deles — de que trataremos nesta nota — é o déficit no balanço de pagamentos, que desde o princípio de 1958 elevou-se a 4 bilhões de dólares. Ou seja: desde então, as contas dos Estados Unidos com o estrangeiro acusaram uma evasão de divisas dos Estados Unidos da ordem de 1 bilhão de dólares. O mais grave é que não se vislumbra o fim deste processo, prevendo-se (com otimismo) para 1960 uma evasão de 700 milhões de dólares. Em apenas uma semana do mês passado, houve uma redução de 181 milhões de dólares nas reservas de ouro norte-americanas.

O balanço de pagamentos dos Estados Unidos, como os de outros países imperialistas, exportadores de capitais, caracteriza-se por déficit na balança comercial amplamente compensado por superávits nas contas de serviços e capitais. O exemplo das relações econômicas brasileiro-estadunidenses é típico: enquanto as trocas comerciais entre os dois países acusam quase que sistematicamente saldos favoráveis ao Brasil, o movimento de capitais nos dois sentidos e a conta de serviços ultrapassam enormemente os saldos nos colocam na posição de devedores, o que obriga o nosso país a contrair os chamados empréstimos compensatórios. Como são empréstimos e, portanto, têm que ser pagos, vêm onerar ainda mais o nosso balanço de pagamentos, num círculo vicioso que custa tremendos sacrifícios ao povo brasileiro.

Em escala mundial, o quadro é semelhante. O mercado de capitais, onde avultam os quase 70 bilhões de dólares investidos sob diferentes aspectos pelos Estados Unidos nos demais países, sempre foi o grande fator de equilíbrio e de ganhos do seu balanço de pagamentos. Ora, esta situação foi particularmente favorável a Washington logo após a última guerra, quando os seus concorrentes imperialistas da Europa e o Japão estavam arrasados. Através do Plano Marshall e de outros procedimentos, os Estados Unidos, ao mesmo tempo que favoreciam o reerguimento dos monopólios e grupos econômicos daqueles países, impunham-lhes um preço terrível: drenavam para seus cofres muitos bilhões de dólares-ouro das reservas da França, Inglaterra, Bélgica, Itália, Holanda, etc. Agora, as coisas estão mudadas. Os rivais imperialistas dos Estados Unidos reergueram-se e hoje são seus concorrentes não apenas na exportação de capitais, como no comércio mundial. Sobre tudo neste último campo, dada o alto custo de muitos produtos norte-americanos, é extremamente difícil aos Estados Unidos competir — em mercadorias japonesas, alemãs, italianas, francesas, etc.

Outra desvantagem que os Estados Unidos levam para os seus concorrentes é que estes, não se prestam — como, obviamente, não poderiam fazê-lo — o objetivo de conquistar a hegemonia mundial. Tal hegemonia é um sonho cada vez mais distante para os Estados Unidos, mas, apesar disto, custam-lhes bilhões de dólares a manutenção de governos-fantoches em Taiwan, na Coreia do Sul, de uma caríssima rede de bases militares (basta dizer que é principalmente nos fornecimentos a essas bases que o Japão encontra os recursos para equilibrar sua deficitária balança comercial), etc. É certo que os gastos assim efetuados nos Estados Unidos vinham sendo compensados pelos rendimentos de suas inversões e de sua influência no exterior.

No momento, porém, em que, na melhor das hipóteses, ficam evidenciado um equilíbrio de forças (na realidade, tudo está a indicar que os Estados Unidos já não são a primeira, mas sim a segunda potência mundial), a repressão no campo econômico foi a pior possível para Washington. Nada é tão sensível a tais mudanças como o dinheiro. A ideia de solucionar qualquer problema por meio de uma possível guerra vitoriosa, cada lugar à sua vez, que a guerra é um absurdo, tal o seu poder destruidor. Por isso, um pequeno país, como Cuba, pode nacionalizar bens norte-americanos estimados em 700 milhões de dólares, sem que, como antes, os Estados Unidos, no mesmo ato aqui, tenham podido recorrer à força para garantir aqueles investimentos... Desaparecida essa garantia, é natural que os nacionalistas de empréstitos, como os que o FMI e a OPA nacionalizam busquem aplicações menos arriscadas para os seus capitais. Hoje em dia, por motivos óbvios, e ainda que pareça paradoxal, as investições estrangeiras protegidas pela bandeira norte-americana, estão entre as mais arriscadas: na China, as empréstitos lanques foram especialmente visadas pela revolução, outro tanto sucedendo em Cuba. (Afirma-se que o governo cubano estaria disposto a negociar com a Inglaterra a nacionalização da refinaria da Shell).

Não é, portanto, de admirar que os capitalistas norte-americanos sejam os primeiros a converter seus dólares em francos suíços e outras moedas, agravando ainda mais o problema de evasão de divisas.

Uma desvalorização do dólar como forma de fazer frente à difícil situação econômica norte-americana está, naturalmente, no centro das cogitações não apenas dos governadores do FMI, mas também dos círculos de negócios. E explica, em parte, as maciças conversões de dólares em outras moedas mais estáveis. Tal desvalorização traria o dólar para um nível real, pois desde que foi declarada sua paridade, em 1933, o poder aquisitivo da moeda norte-americana reduziu-se à metade.

Não obstante, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Robert Anderson, tal como esses ingleses que mostram uma boa cara com um mau tempo, afirma que as coisas vão bem e que o dólar não será desvalorizado. O futuro próximo, no entanto, é incerto e de que nos ocuparemos em outra nota. Até aí que ponto Anderson terá justificados seus desígnios.



Schmidt exagera

Poeta, industrial e (agora) diplomata (também), Augusto Frederico Schmidt pinta com cores demasiado róseas os resultados da Conferência de Bogotá. Em verdade, o que saiu da Conferência dos 21 foi muito pouco para tanta euforia.

Da Terra à Lua

Documentos soviéticos sobre o segundo foguete cósmico (Lunik II) que atingiu a Lua e o terceiro foguete cósmico, (Lunik III) portador da Estação Automática Interplanetária que fotografou o lado invisível da Lua.

Publicação da

Editorial Vitória Ltda.

A venda nas livrarias Cr\$ 130,00

Pedidos pelo reembolso para Caixa Postal 165 — Rio de Janeiro.



UNE Vai Promover Unidade do Movimento Estudantil Mundial

Com a legítima compreensão da necessidade de superar a divisão existente no movimento estudantil internacional, a União Nacional dos Estudantes decidiu participar de congressos e reuniões internacionais de universitários com uma atuação voltada para o trabalho de unificar as facções mundiais existentes, numa empresa que redundará benéfica para a democratização do ensino, para o movimento de libertação dos povos sub-desenvolvidos e para a própria manutenção da paz mundial.

REPRESENTAÇÕES

Com esse espírito a UNE participou, em setembro findo, da IX Conferência Internacional de Estudantes, convocada pela Secretaria Coordenadora de União Nacional de Estudantes (COSEC, realizada em Klosterz, na Suíça, onde esteve representada pelos líderes Marcos Correia Lins (vice-presidente de

Problemas Nacionais da entidade) e Antônio Estevam de Lima (Secretário Geral da UME). E estará presente, nas pessoas de Antônio Estevam de Lima, Níomar Viegas (seu vice-presidente de Assuntos Internacionais) e Nailton Santos (um dos líderes da greve vitoriosa da Bahia) no VI Congresso da União Internacional dos Estudantes, que estará reunido de 8 a 17 de outubro, em Bagdad, no Iraque.

COSEC E UIE

Inicialmente a UIE era a única entidade de âmbito internacional existente no movimento estudantil. Foi fundada logo após a derrota do fascismo. Sempre se norteou pelo conceito de que os estudantes e suas sociedades estão estreitamente ligados e que, portanto, os movimentos estudantis não devem preocupar-se apenas com os problemas específicos da classe universitária, mas também com os diferentes problemas

sociais e políticos da sociedade contemporânea. Um grupo de organizações discordantes dessa orientação abandonou a UIE e fundou uma outra entidade, a COSEC, dotada de estruturação diferente. A COSEC destinou-se a guiar as organizações estudantis para uma política de preocupação apenas com os problemas dos estudantes como tais. Os dois organismos, desde então, têm vivido uma «guerra fria» mirim, hoje em franco degelo.

UNIDADE

Uma reaproximação há sido tentada de várias maneiras. Fala-se numa mesa redonda que reuniria representantes das duas organizações. Não houve oportunidade ainda para sua realização, porque ao simples enunciado da promoção as duas partes saem com condições inaceitáveis pelo lado adversário. Os diretores da União Nacional dos Estudantes, entretanto, confiam em que uma

reunião à qual comparecessem delegações de todas as uniões nacionais de universitários traria a reunificação desejada pelo estudantado mundial. Esta propositura da UNE foi apresentada na Suíça, na Conferência da COSEC e será levada à apreciação do Congresso da UIE.

A unidade do movimento estudantil mundial é perfeitamente viável. Não só por ser uma aspiração dos jovens de todo o mundo, mas pelo fato de que, na prática, o motivo que determinou a cisão está francamente superado: hoje a COSEC abandonou completamente o

«apoliticismo», e, nos conclaves e reuniões que patrocina, são adotadas resoluções as mais radicais contra o imperialismo, o colonialismo e pela paz mundial. A aprovação da proposta brasileira, além da grande significação internacional que colocaria a UNE numa posição impar entre as suas congêneres mundiais, representaria poderoso fator de fortalecimento interno do movimento estudantil brasileiro, pois liquidaria com um dos últimos divisores das forças que nele atuam: a existência de duas entidades internacionais e uma conseqüente posição a tomar frente a elas.

A experiência da «Taba»

Uma experiência positiva, essa da «Taba Estudantil Nacionalista». Digo mais: uma nova perspectiva — bem larga, por sinal — foi aberta para os contatos entre os estudantes e o povo por essa promoção pioneira. (Para os que porventura não o saibam: a «Taba» consiste numa tribuna, rodeada de «stands» de mostra das empresas estatais de exploração de nossas riquezas, e de uma barraca para venda de livros e prospectos de conteúdo nacionalista, instalada na Cinelândia). Durante mais de três meses, diariamente, desde às 16 horas até às 22 (e, às vezes, até mais tarde), os estudantes mantiveram ali um diálogo direto com o povo, explicando que a causa da nossa miséria reside na exploração imperialista e no monopólio da terra, sugerindo formas de organização para o povo enfrentar com êxito esses seus inimigos seculares, e deixando claro que só com a votação nos candidatos nacionalistas estaríamos contribuindo para o afastamento desses entraves ao nosso processo de desenvolvimento e de libertação.

A enorme afluência ao local veio demonstrar que a população está ávida por conhecer as razões dos problemas que a afligem. E quer colaborar, ela também, no encaminhamento de suas soluções. Pôs-se em prática na campanha eleitoral, pela primeira vez, um método eficaz de fazer chegar ao povo os fatos sem a deformação operada sobre eles pela imprensa e rádio alugadas aos tristes. A reação popular foi animadora: de vez em quando, do meio da massa, alguém pedia licença e assomava à tribuna. Nunca a Cinelândia foi palco de tão bonito espetáculo.

Pensamos que a experiência deve ser aproveitada. Os estudantes enfrentam no momento duas lutas que, igualmente à batalha geral contra o imperialismo, também são do povo. Falamos das campanhas pela defesa da escola pública (ameaçada com a aprovação do atual texto da Lei de Diretrizes e Bases) e pela Reforma Universitária.

Uma «Taba da Educação», ou que outro nome tenha, será capaz de apressar a queda da arcaica estrutura de nosso ensino superior e de impedir a aprovação do projeto covarde do ensino democrático.

M. A.

Eleições (Chapa Única) da UME Derrotam Inimigos Dos Estudantes

Iniciam-se hoje as eleições para a diretoria da União Metropolitana dos Estudantes (UME). Concorre ao pleito apenas uma chapa, encabeçada pelo atual presidente da entidade, estudante Alfeu Ribeiro Meireles, da Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas. A inéscita demonstração de unidade, reflexo do amadurecimento político do estudantado guanabarrino, foi obtida no recentemente encerrado XVII Congresso Metropolitano dos Estudantes, o de maior vitalidade e seriedade dos anos do movimento estudantil carioca.

O conclave — cujas resoluções (quase todas unânimes) foram as mais avançadas, bastando citar como exemplo uma moção pela extensão do direito de voto aos analfabetos e praças de pé, fato ocorrido pela primeira vez em reuniões universitárias — representou, com a recondução de Alfeu Meireles, em chapa única, à direção da

UME, uma resposta contundente aos detentores interessados em isolar as entidades estudantis das massas das escolas.

Abrigando um comparecimento recorde, constante de todas as correntes políticas, ideológicas e religiosas atuantes no movimento estudantil, o congresso, com a unidade conseguida, pôs por terra os objetivos da campanha desfachateada contra as direções universitárias com o fim de, através de desmoralização das lutas estudantis, enfraquecer o movimento nacionalista.

O PLEITO

A UME utiliza um sistema de eleições único no Brasil. Durante o Congresso é eleito o Tribunal Eleitoral Metropolitano (TEME). Este encarrega-se do processamento das eleições, realiza a apuração, dá posse à diretoria eleita e, finalmente, dissolve-se. As urnas comparecem todos os alunos das escolas superiores, desde que quites com a tesouraria de seus respectivos diretórios acadêmicos. Até um dia antes da data marcada para início das eleições, os presidentes de diretórios são obrigados a levar ao TEME a lista dos nomes dos alunos de cada escola, assim como um comprovante da matrícula de todos eles, assinado (e com firma reconhecida) pelo secretário da faculdade. As eleições duram vários dias, com as escolas divididas em grupos para melhor rendimento dos trabalhos. Apesar do pleito este ano realizar-se apenas para o cumprimento de uma formalidade legal, já que somente uma composição concorre, espera-se um comparecimento em massa. Os jovens pretendem oferecer mais uma prova de confiança em seus líderes e repudiar, mais uma vez, a tentativa de desmoralização de suas entidades, partida dos setores mais comprometidos com as empresas imperialistas.

CALENDÁRIO

O processo de votação obedecerá ao seguinte calendário: Dia 6-10 —

Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Engenharia; Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia; Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes; Diretório Acadêmico da Escola Politécnica da PUC; Diretório Acadêmico «Jackson de Figueiredo» (Filosofia da PUC); Diretório Acadêmico Amaro Cavalcanti.

Dia 7-10 — Centro Acadêmico «Carlos Chagas»; Escola Nacional de Química; Centro Acadêmico Rodolfo Teófilo; Centro Acadêmico Coelho de Souza; Diretório Acadêmico Alípio Correia Lima; Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

Dia 10-10 — Escola Nacional de Música; Centro Acadêmico «Sir Alexander Fleming»; Diretório Acadêmico «Lafayette Corrêas»; Diretório Acadêmico «Pedro Lima»; Diretório Acadêmico «Leonel França»; Diretório Acadêmico da Escola de Medicina e Cirurgia.

Dia 11-10 — Diretório Acadêmico «Tiradentes»; Centro Acadêmico «Rui Barbosa»; Centro Acadêmico «Luís Gama Filho»; Diretório Acadêmico «Filadelfo de Azevedo»; Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas; Faculdade de Economia e Finanças do Rio de Janeiro.

Dia 12-10 — Diretório Acadêmico «Everardo Backheuser»; Faculdade de Economia do Rio de Janeiro; Faculdade de Biblioteconomia da PUC; Escola Nacional de Ciências Estatísticas; Diretório Acadêmico «Rodolfo Garcia»; Diretório Acadêmico «Carlos Chagas».

Dia 13-10 — Diretório Acadêmico «Jurandir Manfredini»; Diretório Acadêmico «Amaral Fontoura»; Diretório Acadêmico «Pedro Ernesto»; Diretório Acadêmico «Alberto Páris da Silveira»; Centro Acadêmico «Cândido de Oliveira».

Dia 14-10 — Faculdade Nacional de Ciências Econômicas; Centro Acadêmico «Luis Netto dos Reis»; Centro Acadêmico «Luis Carpenter».

Dia 17-10 — Escola Nacional de Agronomia; Diretório Acadêmico «Guilherme Hermes Dorff»; Centro Acadêmico «Eduardo Lustosa».



Palmas para a reaproximação

Aplausos para uma proposta de unificação, na IX Conferência Internacional dos Estudantes, realizada em Klosterz, na Suíça, o mês passado. A UNE compareceu e apresentou seu esquema unitário.

Revolução Cubana Uniu Estudantado Paulista

O XIII Congresso Estadual dos Estudantes, de São Paulo, ao tornar público o convite que fez ao «Premier» Fidel Castro para visitar o Estado bandeirante, deu a conhecer um manifesto, aprovado por unanimidade, de apoio à revolução cubana e de condenação à Declaração de São José. A seguir, damos os trechos principais do importante documento:

«Os universitários de São Paulo, reunidos em seu XIII Congresso Estadual, representantes de uma juventude que adquiriu através do estudo e da reflexão crítica o ideal do POVO, que por ele se entusiasma a ponto de transformá-lo na razão de sua própria existência, sentem a necessidade impostergável de, nesse instante, assumir uma atitude, tomar uma posição, diante da mensagem e do significado da Revolução Cubana.

Para nós a revolução cubana é antes de tudo cubana; os seus guias saíram desde o primeiro momento advinhar, descobrir e estudar as particularidades intrínsecas do povo cubano, das relações entre as classes, dos partidos e homens da ditadura Batista, enfim conheceram a processo objetivo da realidade de Cuba e por isso

mesmo se libertaram para transformá-la rumo a seus ideais.

Para nós a revolução cubana é latino-americana e também independente. Latino-americana porque significa a primeira derrota das oligarquias civis e militares, titeres dos interesses econômicos, políticos e belicistas dos grupos imperialistas sediados ao norte do Rio Grande. É independente porque não aceita a falsa opção entre os dois blocos comandados pela URSS e EUA, fundamentando sua inexplorável vitória nas suas armas e no seu povo.

Para nós a revolução cubana é fator concreto para a realização da paz e em virtude disso começou a possuir caráter universal. A contribuição da CUBA para a paz é efetiva porque ela emana do homem simples cubano que agora já sabe o quanto ele é importante para a conquista da autoderminação nacional, do desenvolvimento econômico, da democracia efetiva e da justiça social, objetivos que alcançados realizam a paz, concretizam-na.

Por isso tudo é que a juventude universitária de São Paulo apóia irres-

tritamente a revolução cubana e condena a «Declaração de São José».

Desejamos, finalmente, anunciar o convite que fazemos ao primeiro-ministro Fidel Castro para que visite o Estado de São Paulo, sob nossos auspícios, numa demonstração a mais de nosso apreço e solidariedade a Cuba».

nas livrarias:

BRASIL SÉCULO XX

Rui Facó

Uma interpretação marxista da atualidade brasileira

Editorial Vitória

Olga Benário também é nome de rua

Significativa homenagem à memória de Olga Benário Prestes, Siqueira Campos, Newton Estilac Leal, Graciano Ramos e Paulo Borra foi prestada recentemente pela Câmara de Vereadores de Ribeirão Preto, ao dar seus nomes a ruas da progressista cidade bandeirante.

A iniciativa do respectivo projeto de lei coube ao vereador Said Issa Halah, que discorreu em plenário, em longo discurso, sobre o martírio de Olga Benário Prestes nas garras do nazismo e os serviços prestados à causa democrática e nacionalista pelos demais homenageados.

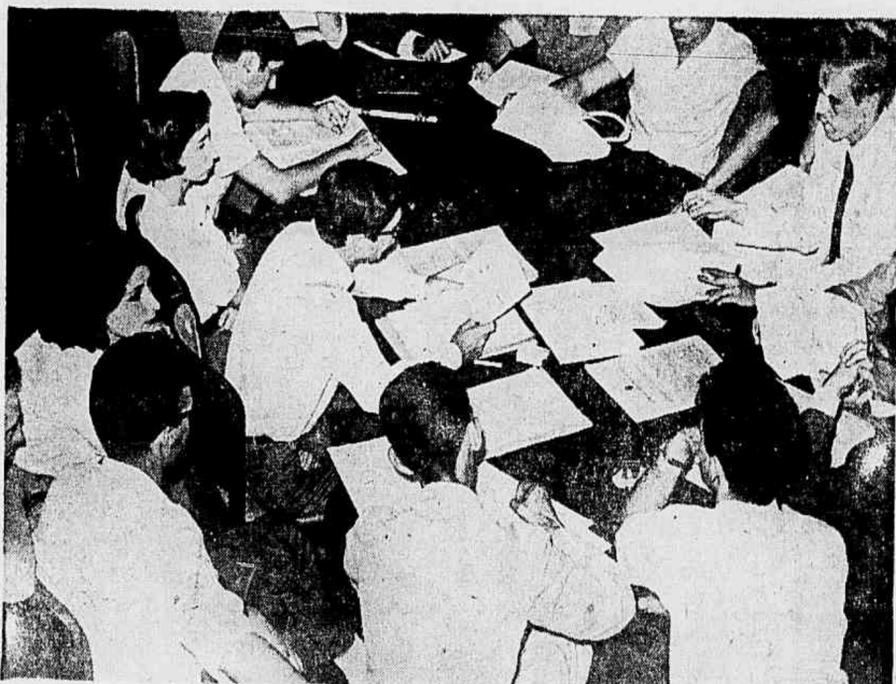
A Casa aprovou por unanimidade o projeto de lei, em meio a vivas manifestações de simpatia e aplausos dos ribeirões pretanos.

Atualidades Soviéticas

MANUAL DE ECONOMIA POLITICA, 3ª edição. Importantes aperfeiçoamentos na análise do capitalismo, ciclos econômicos e capitalismo de Estado nos países subdesenvolvidos. Encadernado	R\$ 1.280,00
Brochura	870,00
HISTORIA DE LA FILOSOFIA, de M. A. Dynik, sob o patrocínio da Acad. de C. da URSS. Da antiguidade a comços do Século XIX. Encadernado	1.440,00
MANUAL DE LINGUA RUSSA, de Nina Potapova, 72 lições. Nova edição, corrigida e aumentada	320,00
EL DERECHO CONSTITUCIONAL SOVIETICO, por Denisov e Kirichenko. Um completo estudo da Constituição Soviética, organização social e estatal, etc. 400 páginas, encadernado	350,00

Pedidos à:
Jurandir Guimarães
Agência Intercâmbio Cultural
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28
Fone 37-4983 — São Paulo

Atendemos pelo Reembolso Postal. Solicite nosso catálogo de novidades.



Componentes do Tribunal Eleitoral Metropolitano (TEME) examinam relações de alunos aptos ao exercício do voto nas eleições iniciadas quinta-feira. Com um comparecimento em massa para sustentar a chapa única e reeleger Alfeu Meireles, os universitários cariocas darão mais uma resposta contundente aos detentores das entidades estudantis.

Tudo correto

"DIKTAT" DOS EUA

Latino-Americanos Vendem Por Menos e Compram Por Mais

BUENOS AIRES (PL) — O presidente da Argentina Arturo Frondizi viajou pela Europa para expor aos governos ocidentais a grave preocupação ocasionada por certos aspectos inerentes à criação de blocos alfandegários nesse continente, para uma América Latina castigada pela adversidade econômica.

A situação delicada de nossos países é consequência de vários fatores. Em primeiro lugar está o aumento da população. O progresso sanitário — especialmente a supressão da malária e o uso dos antibióticos — produziu uma verdadeira explosão demográfica. As massas, além disso, já não se conformam com os níveis de subsistência em que ainda vivem os 2/3 da humanidade. Sua pretensão lógica de satisfazer suas necessidades mais elementares reduzem ainda mais os saldos exportáveis. Isto por sua vez vem desvalorizando progressivamente a raiz da extraordinária aceleração da prova dos famosos «termos de intercâmbio». Se no meio século de 1890 a 1940 as matérias-primas e os produtos alimentícios perderam menos de 1 por cento de seu poder de compra por ano, na atualidade estão 35% abaixo de seu poder aquisitivo de manufaturas de 1958. Hoje, com uma população 30% superior a de 1950, temos um poder de compra inferior ao de um decênio atrás.

Filipinas têm mais crédito

A única possibilidade que temos de alimentar essa crescente população é a industrialização. Caso contrário teremos dentro de 15 anos, 30 milhões de desempregados na América Latina.

Os que falam dos «milagres» alemão, italiano, inglês, japonês, etc., esquecem que nesses países só se tratava de reconstruir indústrias já existentes para o que contavam com a enorme ajuda econômico-financeira dos Estados Unidos. Passam por cima do fato de que a América Latina recebeu da América do Norte depois da guerra somente 2% do que se gastou no mundo inteiro, e menos do que recebeu um só país, Filipinas.

Condição desleal

Com que dinheiro a América Latina vai financiar sua industrialização?

O capital estrangeiro, que é uma das panacéias que recomenda os EUA, nunca foi mais que um auxiliar neste mister, conforme demonstrou no ano passado na Universidade de Cambridge o professor Walt Whitman Rostov, em uma série de conferências que o «Economist» de Londres, que evidentemente não pode ser chamado de estadista, qualificou como «a mais importante contribuição ao estudo da economia mundial» realizada no pós-guerra.

A nação economizando? Já vimos como cada vez podemos comprar menos com nossos produtos. Se a tendência — que é resultado da política das grandes potências industriais — não é de agora, não cabe dúvida que a extraordinária

ALFREDO KOLLIKER FRERS (Serviço especial de PRENSALATINA)

Vice-Presidente do Instituto Argentino de Direito Internacional e Professor da Escola de Coronéis do Exército

aceleração operada ultimamente é em boa parte culpa da competição desleal que os Estados Unidos realizam nos mercados mundiais baseados na Lei 180 de 1953, com sua produção agropecuária agigantada pelas subvenções internas. Invocando sua doutrina antidirigista, opõe-se Washington à propaganda que poderia impedir as piores falhas de nossos produtos nos mercados mundiais. Só excepcionalmente e sob pressão das circunstâncias — o apedrejamento de Nixon — mostrou-se disposto a considerá-la em alguns casos isolados. Isto não impediu, naturalmente, integrar, com os outros grandes compradores, monopólios para manter baixos os preços cada vez que tendiam a subir acima da conta. Calcula-se que o preço artificialmente reduzido que pagou ao Chile por seu cobre nos últimos anos, ocasionou nesse país uma perda equivalente a toda sua dívida externa.

O resto é feito pelas tarifas aduaneiras, as quotas de importação e as farrasas disposições sanitárias dos Estados Unidos. Se os Estados Unidos renunciassem a suas discriminações contra a produção da América Latina, terminariam todos os problemas da mesma, já que poderia expandir suas vendas de 25-50% para o cobre e o algodão passando a 50-100% para o petróleo, açúcar, tungstênio e tabaco, e até 100% e mais para o gado vivo, carne e óleo de linhaça.

Paralisado o crescimento

Acontece que os países industriais estão muito longe de praticar o que predica em um opúsculo da ONU sobre a «Libertação do Comércio Internacional», recentemente publicado, sendo esta libertação somente para os países subdesenvolvidos, defendendo em troca o protecionismo agrário e industrial nos países manufatureiros, sob pretexto de que a queda dos preços nos países não-industriais transmite-se àqueles, gerando assim a crise. O que as grandes potências econômicas do Ocidente e os países dependentes dos mesmos pretendem é diminuir a possibilidade dos países atrasados defenderem os preços de seus produtos no exterior e, assim, oporem resistência ao impulso exportador de capitais e mercadorias daqueles.

Não podem estranhar então que os latino-americanos não tenham dinheiro nem divisas para aumentar nossa produção agrária, construindo caminhos e comprando maquinaria agrícola, fertilizantes e inseticidas, nem muito menos, por conseguinte, para industrializar-nos, já que a maquinaria, as usinas energéticas e os meios de transporte não saem do nada.

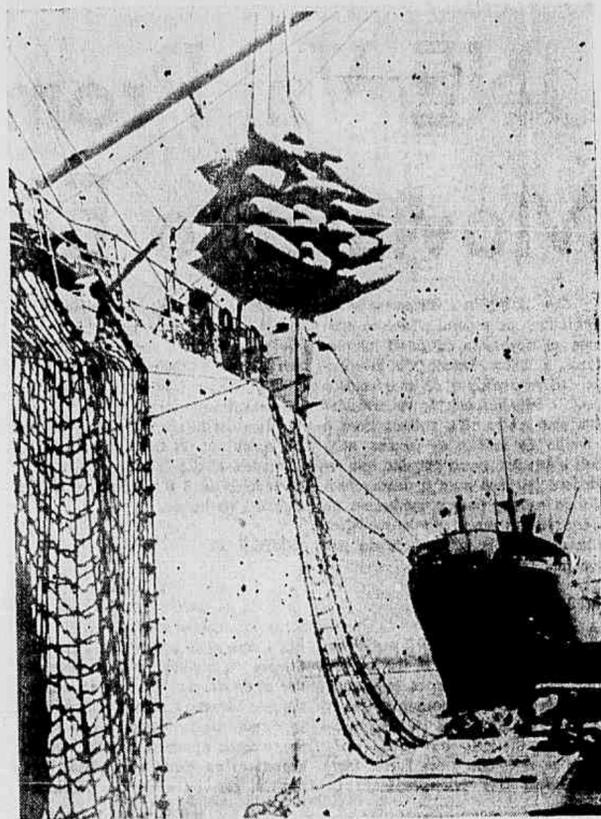
Consequência disso foi a paralisação do crescimento da produção da América Latina, que já nem si-

quer consegue aumentar o ritmo do crescimento vegetativo. Quer dizer que em lugar de avançar, estamos cada vez mais pobres. Os poucos países que constituem uma exceção são aqueles que, como o Brasil, negaram-se a aceitar a receita fatal que os Estados Unidos impuseram através do Fundo Monetário Internacional.

Um ruinoso bloco econômico

A formação dos blocos econômicos europeus, que podem provocar uma redução de 30% nas exportações da América Latina para essa região, torna a situação verdadeiramente dramática. A causa é a adoção de um arancel alfandegário comum que, embora seja a média

aritmética dos aranzéis comuns atualmente em vigor, eleva substancialmente os impostos aduaneiros daqueles países que — precisamente por isto — são destinatários da maior parte de nossas exportações. Por outro lado acentua-se em escala crescente o espírito protecionista dos «planos verdes» da Europa, tendentes a incrementar sua autarquia agrária. Considerando que entre 1928 e 1955 já as exportações de produtos agrários não-tropicais da América Latina para a Europa tinham diminuído em 14%, segundo cifras do GATT, essa perspectiva torna-se verdadeiramente alarmante para os países produtores de grãos e carnes uma vez que também podem exportá-los para os Estados Unidos em vista do men-



Vendemos mais barato

Os principais produtos de exportação da América Latina — gêneros alimentícios e matérias-primas — tendem para a baixa. Resultado: vendemos mais e obtemos menos divisas.



Aumenta a miséria

Ai está o efeito da espoliação econômica da América Latina pelos trustes imperialistas: o aumento da miséria. Economicamente pobres, os países latino-americanos não têm recursos para fazer frente às necessidades de saúde, educação, habitação, transportes. Aumentam as populações faveladas, como ainda agora registra no Rio, o censo em curso.

Quando a Argentina, acossada pelo protecionismo dos Estados Unidos e arruinada pelos conselhos do FMI, manobrados pelo tesouro lanque, pediu por sua vez sua inclusão para escapar de uma catástrofe, houve uma potência que se opôs: Estados Unidos.

Quando a Argentina, acossada pelo protecionismo dos Estados Unidos e arruinada pelos conselhos do FMI, manobrados pelo tesouro lanque, pediu por sua vez sua inclusão para escapar de uma catástrofe, houve uma potência que se opôs: Estados Unidos.

Radford (ex-chefe do Pentágono), quer guerra total

O almirante Arthur Radford, ex-chefe do Estado Maior Conjunto dos Estados Unidos, defendeu abertamente numa reunião de militares a realização de uma guerra total contra os países socialistas. Segundo o almirante, esta guerra é necessária se o imperialismo quiser evitar sua liquidação completa.

Radford é um belicista, mas tem a grande vantagem de ser um belicista confesso. Ele diz abertamente que os países socialistas não recorrerão à guerra a não ser que sejam obrigados, isto é, se forem agredidos. Vai mais longe o nosso almirante e afirma que está convencido de que o socialismo será fatalmente vitorioso se não houver guerra e pede declarações «mais firmes» dos EUA.

O pronunciamento do antigo chefe do Pentágono é bastante sintomático porque representa a oposição dos generais ligados aos grandes trustes de armas, que se apavoram com a simples palavra «Paz». O desespero desses senhores é o mesmo que provocou a maior queda da bolsa de Nova Iorque desde a crise de 1929.

Em Outubro nas livrarias:

BRASIL SÉCULO XX

Rui Facó

Uma interpretação

marxista da atualidade brasileira

Editorial Vitória

ASSINE:

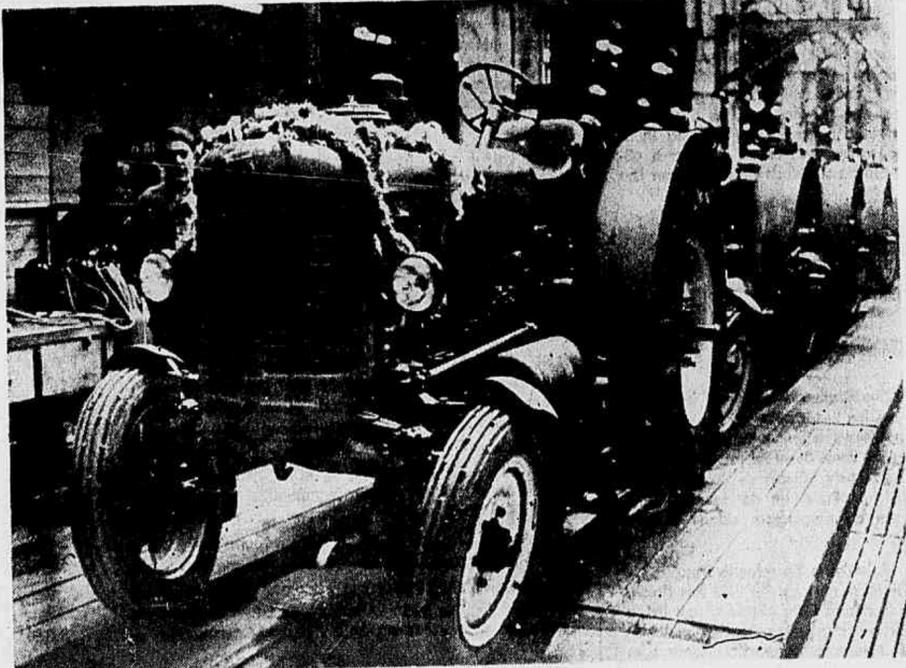
Revistas Soviéticas e Chinesas

	ANUAL SEMESTRAL	
UNION SOVIÉTICA. Mensal — Ilustrada. 40 páginas de fotos e textos, doze delas em cores	500,00	300,00
MUJER SOVIÉTICA. Mensal. Moda, arte, cultura, educação infantil. Reportagens e contos	400,00	250,00
CULTURA Y VIDA. Mensal. Ciência e Técnica. Arte e Literatura soviética e mundial, etc.	300,00	180,00
LITERATURA SOVIÉTICA. Mensal. Órgão da União dos Escritores da URSS. Vida literária	300,00	180,00
TIEMPOS NUEVOS. Semanário de política soviética e mundial. Informações. Via aérea	400,00	250,00
FILMES SOVIÉTICOS. Sensacionalmente ilustrada. Tudo sobre o cinema soviético. Em cores	400,00	250,00
CHINA ILUSTRADA. Quinzenal. A vida chinesa em fotos com pequenos textos. Poliorama	650,00	360,00
CHINA RECONSTRUYE. Mensal. Reportagens ilustradas. Contos. Arte. Vários suplementos	300,00	180,00

Pedidos, acompanhados de cheque ou vale postal a:

Jurandir Guimarães
Agência Intercâmbio Cultural
Rua dos Estudantes, 84 — Sala 28
Fone: 37-4983 — São Paulo.

Estas revistas são editadas em espanhol, francês, inglês, alemão e russo.

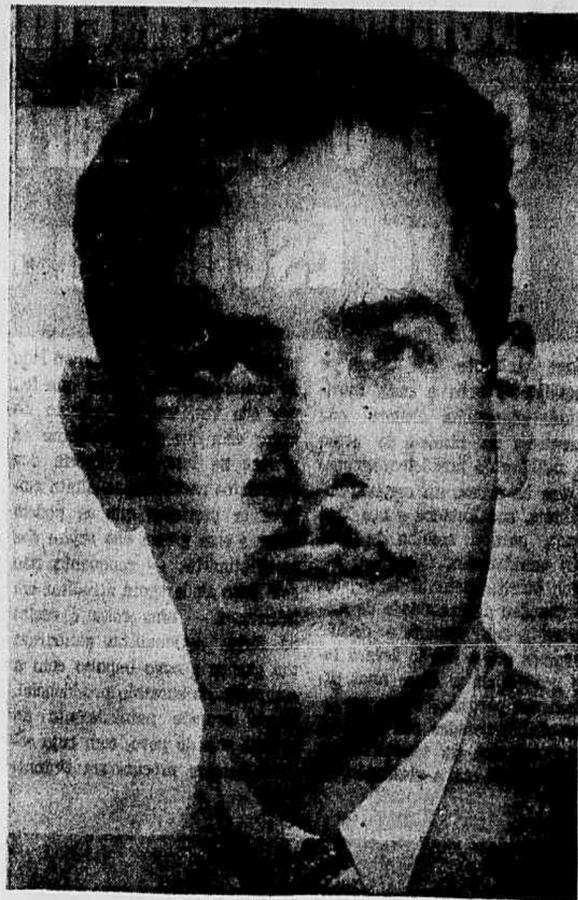


Compramos mais caro

Enquanto são cada vez mais baixos os preços dos produtos de exportação latino-americanos, os preços dos produtos industrializados, tanto máquinas como matérias-primas semi-elaboradas, ou têm seus preços elevados ou mantidos no mesmo nível. Em outras palavras: a AL exporta uma quantidade maior de trabalho em troca de uma quantidade menor.

Cuba: As Classes Sociais e o Movimento de Libertação Nacional

Secretário geral do Partido Socialista Popular
BLAS ROCA



Socialismo em Cuba

Blas Roca, secretário-geral do Partido Socialista Popular (comunista), publicou recentemente uma nova edição de seu livro «Os Fundamentos do Socialismo em Cuba».

Quando deixou de ser colônia da Espanha, Cuba ficou submetida jurídica e praticamente, graças à Emenda Platt, à tutela semicolonial dos Estados Unidos. A abolição da Emenda Platt pela revolução de 1933, embora tenha anulado o «direito» de intervenção militar dos Estados Unidos em nosso país, deixou intacto o domínio real dos imperialistas sobre nossa economia e, portanto, sobre nossa política.

Estas particularidades do regime existente em Cuba determinam uma série de características muito importantes na atitude das diferentes classes sociais em relação aos problemas históricos do desenvolvimento.

Nos países capitalistas altamente desenvolvidos, o desenvolvimento histórico coloca como questão imediata fundamental a passagem para o socialismo.

Nos países subdesenvolvidos, semicolônias e colônias, o problema imediato fundamental do desenvolvimento histórico é alcançar a libertação nacional, acabar com o latifúndio semifeudal e com a estrutura econômica semicolonial, mediante a industrialização e o progresso econômico.

Nos países e capitalistas muito avançados, a classe operária se defronta diretamente com seus próprios capitalistas na luta pelo socialismo.

Em Cuba, por outro lado, a classe operária e as demais forças sociais, revolucionárias se defrontam em primeiro lugar com os imperialistas e latifundiários, que monopolizam suas principais fontes de riqueza e constituem o obstáculo fundamental ao progresso econômico e social, lutando para alcançar a Libertação Nacional, para eliminar o latifúndio e desenvolver uma forte indústria nacional.

Campeinato e pequena Burguesia

Nos países de alto desenvolvimento capitalista, o campeinato é pequeno, relativamente, e a pequena burguesia urbana, a chamada classe média das cidades desempenha, em geral, um papel de relativa importância e não muito positivo nas lutas decisivas entre o Capitalismo e o Socialismo.

Em Cuba, pelo contrário, a maioria da população vive no campo, o campeinato se alia estreitamente aos trabalhadores e à chamada classe média dos povoados, os artesãos, pequenos comerciantes, profissionais, intelectuais, empregados categorizados, etc., é muito numerosa e desempenha um papel importante na luta revolucionária para completar a libertação nacional, para eliminar o controle dos capitalistas estrangeiros sobre nosso país, para destruir o latifúndio semifeudal e assegurar, desse modo, o progresso do país.

Nos países imperialistas, a classe capitalista em seu conjunto é inimiga da revolução em todas as suas etapas.

Em Cuba, pelo contrário, certos setores capitalistas, que comumente chamamos burguesia nacional, podem apoiar ativamente o movimento revolucionário pela Libertação Nacional e pela liquidação do latifúndio semifeudal.

Na luta pela Libertação Nacional as classes exploradoras de Cuba se dividem, se opõem umas às outras, surgem em conflitos entre alguns de seus setores com outros.

Os agentes do imperialismo

Junto com os imperialistas, contra a libertação nacional se colocam aqueles setores sociais que medram e prosperam, que obtêm lucros e privilégios por causa do atraso do país e da estrutura semicolonial de sua economia.

Tais são, em primeiro lugar, os grandes comerciantes importadores e estocadores, que derivam sua posição

social e seus grandes lucros da monocultura e da falta de indústrias, que obrigam a importar grande quantidade de alimentos e outros produtos de grande consumo.

Tal é, também, o caso dos capitalistas que se unem e se subordinam inteiramente aos trusts e monopólios imperialistas, participando, com eles, na exploração semicolonial do país como, por exemplo, os grandes magnatas açucareiros, que se beneficiam com a monocultura e a posição privilegiada do açúcar na economia cubana, a cujos interesses foram sacrificadas todas as demais indústrias e produções. Não obstante isto, devido à estagnação da produção do açúcar e ao caráter feio do imperialismo, há grupos de fazendeiros e de grandes colonois que se opõem às ameaças dos Estados Unidos de reduzir as cotas e procuram garantir posições no mercado mundial, com exclusão deste país, para manter ou ampliar sua produção, entrando, portanto, em choque com o domínio imperialista sobre a economia cubana.

Os latifundiários

A maioria dos latifundiários — muitos dos quais são também companhias e magnatas açucareiros — colocam-se ao lado do imperialismo contra a Libertação Nacional, unicamente porque o fim da opressão que este exerce implica a destruição do latifúndio, o progresso da agricultura, a libertação do campesinato das formas semifeudais de exploração.

Ligados aos latifundiários estão os açambarcadores, os credores usurários do campo, os intermediários, todos os que prosperam com o atraso do campo, com o desamparo do campesinato. Estes também se colocam inevitavelmente no campo dos inimigos da libertação nacional e da extinção do latifúndio.

A burguesia oprimida

A parte dos capitalistas cubanos que se encontra oprimida pelo monopólio e pela concorrência do imperialismo procura a maneira de desenvolver independentemente o país, procura iniciar novas indústrias, ampliar o mercado interno e diversificar a agricultura. Em determinadas condições, este setor pode inclusive unir-se aos camponeses, à pequena burguesia e à classe operária na luta revolucionária pela completa Libertação Nacional, pela completa libertação de nosso país. Entretanto, o impulso revolucionário e

antimperialista deste setor está limitado por seu caráter de classe exploradora que não deseja, e sim teme, o desenvolvimento do proletariado e ação revolucionária contra a propriedade latifundiária semifeudal. Ao enfrentar o imperialismo, sua aspiração é a de serem eles os exploradores de seu país, de que fiquem aqui em seus bolsos os lucros que os capitalistas estrangeiros hoje levam consigo. Esta aspiração é positiva na medida em que se opõe à opressão nacional e favorece o desenvolvimento industrial e agrícola do país; e é negativa na medida em que aspira a manter a mesma opressão e exploração dos operários e camponeses, na medida em que fomenta o temor à revolução e ao progresso social e, portanto, o plattismo e a tendência ao acórdio e a conciliação com o imperialismo.

Pequena burguesia

A pequena burguesia urbana sofre consideravelmente em virtude da opressão imperialista e do atraso do país. Seus setores de profissionais jovens vê sua perspectiva econômica e a nível mesmo o nível social que procura manter bloqueados. Os pequenos produtores caem nas garras dos açambarcadores e chegam a sentir-se mais desamparados do que os camadas superiores, melhor remuneradas, da classe operária. Em conjunto, a pequena burguesia urbana pode ser considerada como estando em oposição ao imperialismo e ao latifúndio. Entretanto, esta classe oscila de um ponto de vista para outro

segundo a força, a magnitude e o impulso do movimento revolucionário e segundo as dificuldades que se lhe apresentam e a pressão do imperialismo. Nos momentos críticos, uma parte da pequena burguesia urbana se inclina para as posições da burguesia e até se converte em porta-estandarte dessas posições e da tendência à conciliação com o imperialismo, enquanto outra parte, sua ala radical, se orienta para as posições intransigentemente antimperialistas e revolucionárias da classe operária.

Camponeses e operários

Os camponeses, vitalmente interessados na eliminação do latifúndio semifeudal, ligado e fundido ao imperialismo, são ardentes partidários da libertação nacional, são antimperialistas até o fim.

De todas as classes e grupos sociais que lutam pela libertação nacional, isto é, que se opõem ao domínio dos capitalistas estrangeiros sobre nosso país, a classe que o faz com mais patriotismo, decisão e energia é a operária. A classe operária é a que sofre mais diretamente a opressão dos capitalistas estrangeiros nas minas, centrais e grandes empresas que eles dominam. Nessas empresas, as companhias são onipotentes, têm seus próprios guarda-costas e seu corpo de espírios, estabelecem regulamentos que são como leis próprias no território dominado pela empresa, desafiam as leis e subornam os funcionários públicos, monopolizam o comércio e empregam métodos re-

pressivos, de verdadeiro terror, contra os operários.

Nas empresas monopolistas que proporcionam rendimentos elevados, obtidos graças às tarifas excessivas que impõem ao país, como as Companhias de Eletricidade e Telefones, cria-se uma camada de empregados bem remunerados que atuam, às vezes, como uma aristocracia operária, mas que sentem a pressão multiplicada do ódio popular a esses terríveis polvos imperialistas. Os operários, lutando contra essas

expressões do imperialismo, levantam-se patrioticamente em defesa dos interesses de todo o país, de todas as classes sociais e encabeçam o movimento para completar a libertação nacional iniciada com as guerras de 1868 e ... 1895.

(Retirado de «Os Fundamentos do Socialismo em Cuba», capítulo II, edição corrigida, Ediciones Populares La Habana, 1960. O título, e os entrelinhas são de responsabilidade de NOVOS RUMOS).

Congresso Latino-Americano de Ciências Econômicas Apóia a Revolução Cubana

De 18 a 25 de setembro, reuniu-se em Porto Alegre o I Congresso Latino-Americano de Ciências Econômicas. Quase todos os países estiveram presentes ao conclave, cujo denominador co-

mum foi a unidade nas manifestações contra a penetração imperialista na América Latina e a favor das medidas pela Revolução Cubana.

A princípio o Itamarati deu a nota

disonante, proibindo a entrada dos estudantes cubanos no País. Entretanto, formou-se em Porto Alegre grande campanha, os estudantes da Faculdade de Ciências Econômicas entraram em greve e a delegação de Havana finalmente chegou a Porto Alegre às últimas horas do dia 22.

No aeroporto, os cubanos foram carregados nos ombros pelos seus colegas congressistas, populares e operários, entre vivos a Fidel Castro. As mesmas manifestações de solidariedade à Revolução Cubana repetiram-se durante toda sua estada na capital gaúcha.

Revolução de novo tipo

Falando à reportagem, os cubanos afirmaram sobre o que se passa em seu país: «A Revolução Cubana é uma revolução sem paralela na História. Inicialmente, a insurreição foi feita pela pequena burguesia, mas hoje a Revolução é camponesa e pela libertação nacional do domínio imperialista yanque. Nós, nós, estudantes, quando conspirávamos contra a ditadura, não poderíamos prever que a Revolução viesse a ter bases tão populares e radicais. Nossa revolução é de novo tipo, e cabe aos povos da América Latina a tarefa de estudar nossas experiências», disse o estudante Joaquim Mas Martinez.

«Sabemos que os EUA não estão dispostos a admitir que nosso povo, antes sua presa dócil, agora se liberte de suas garras. Mas estamos preparados e resistiremos. Temos 600.000 milicianos armados e contamos com o apoio de voluntários da América Latina e de todo o mundo no caso de uma invasão» — acrescentou o universitário Leonardo Morales.

O Congresso

Repúdio ao Mercado Comum Latino-Americano nos moldes em que favorece aos trusts, reforma agrária, desen-

volvimento econômico sem dependência ao capital estrangeiro, foram, entre outros, temas de grandes debates e de expressivas conclusões. As comissões técnicas, atuando com eficiência, coroaram com pleno êxito esse trabalho.

A Carta de Princípios, aprovada após intensa discussão entre católicos e laicistas, destaca notadamente: 1) A educação deve ter atenção preferencial do Estado, tanto no nível primário, como no secundário e no universitário. 2) A Universidade deve ser democratizada, entendendo-se por isso o livre acesso a ela de todas as classes sociais. 3) O orçamento educacional deve ser aumentado para promover um adequado sistema de bolsas para as classes sem posses. 4) Deve-se lutar pela reforma educacional, com vistas a obter Estado docente, único meio de conseguir-se a liberdade de ensinar e aprender. 5) A Universidade deve projetar-se no sentido do povo, possibilitando a cultura ao seu alcance. 6) Deve-se lutar pela plena autonomia universitária em todos os países da América Latina. 7) Deve-se obter que a Universidade assimile o bacharel ao seu trabalho. 8) Deve-se tender a conseguir o profissional integral, evitando a tecnocracia. 9) Deve-se propender à planificação do desenvolvimento econômico e social. 10) Deve-se eliminar as limitações geográficas, econômicas e políticas na América Latina, obtendo-se em cada país amplas garantias de expressão e liberdades públicas. 11) Deve-se lutar pelo desarmamento. 12) Deve-se lograr uma plataforma comum operário-camponesa; 13) Deve-se condenar e repudiar as ditaduras e o intervencionismo imperialista em qualquer manifestação.

A Declaração de Princípios censura, ainda, atitudes da OEA e da ONU, pronunciando-se, ademais, pelas relações entre todos os países, pelo amplo apoio à Revolução Cubana e pela paz mundial.



Cubanos foram centro de atenções

Os estudantes cubanos foram cercados de atenções pelos seus colegas congressistas e até autógrafos distribuíram a seus colegas brasileiros como aos demais representantes dos numerosos países presentes ao conclave. Na foto, o universitário Leonardo Morales, um dos membros da delegação da Ilha, cercado de colegas e jornalistas, num dos intervalos do congresso.

Em Outubro nas livrarias:
BRASIL SÉCULO XX
Rui Facó
Uma interpretação marxista da atualidade brasileira
Editorial Vitória

Democracia em Ação: Sob o Sol Carioca Povo Escolheu e Votou

Num ambiente de ordem e tranqüilidade, após a mais movimentada campanha eleitoral que se registra na história de nosso país, milhões de brasileiros compareceram às urnas, na segunda-feira última, nos Estados e nos Territórios, para a escolha de seus novos mandatários. Como em nenhuma outra oportunidade, o povo compreendeu a necessidade de manifestar a sua vontade e decidir dos rumos que a Nação deverá tomar nos próximos cinco anos. E, certamente por isso, todas as informações, provindas dos mais diversos recantos do território nacional, indicam que a abstenção, de

um modo geral foi mínima, ao lado de um entusiasmo notável que foi, por sua vez, um fiel reflexo do ardor com que se conduziram as massas na luta pela vitória dos candidatos nacionalistas. Muito embora as previsões que se podem fazer a essa altura não sejam das mais otimistas — conquanto não seja lícito ainda agora acreditar em insucessos — uma coisa é certa: as forças nacionalistas ganharam um grande e novo impulso com a campanha da sucessão presidencial. Tendo brotado naturalmente do próprio seio do povo, com cujo espírito sempre procuraram sintoni-

zar, as candidaturas do marechal Henrique Teixeira Lott e do sr. João Goulart permitiram que os diversos setores progressistas do país, durante o período de propaganda, levassem a sua palavra esclarecedora às camadas mais atrasadas de nosso povo, ganhando-as para os embates vindouros. Assim, sejam quais forem os resultados apontados pelos eleitores, não cabe dúvida de que as forças nacionalistas brasileiras cumpriram mais uma etapa em sua marcha, dela saindo mais coesas e prontas para enfrentar com êxito os próximos combates



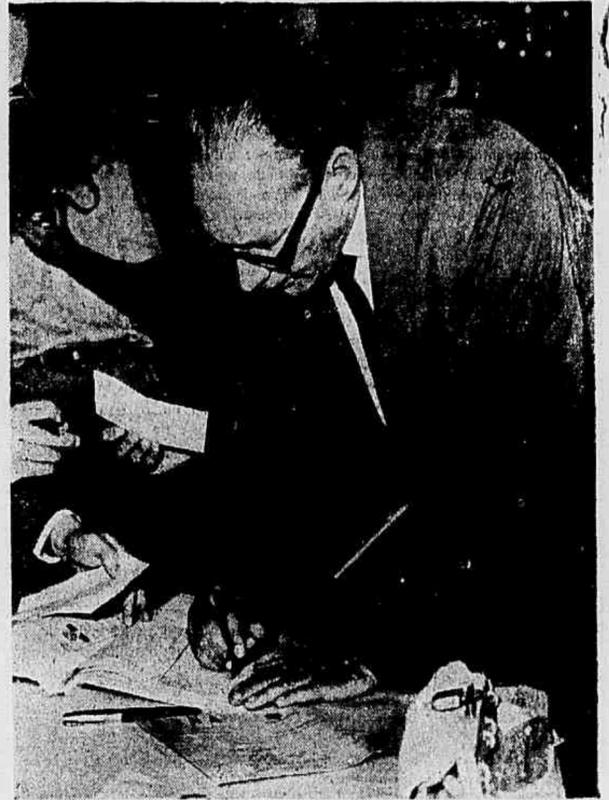
Henrique Teixeira Lott, embora não restabelecido ainda do acidente sofrido ao final da campanha, compareceu à seção eleitoral mais próxima de sua residência para cumprir seu dever de cidadão, sufragando os candidatos apoiados pelas forças nacionalistas. Lott foi alvo de calorosa manifestação no ato de votar. Na foto, o Marechal, assina o livro de presença.

Dever de cidadão



O voto de Prestes

LUIZ CARLOS PRESTES votou numa seção eleitoral do Botafogo, à rua São Clemente, no Colégio Virgem de Lourdes. A presença do líder comunista atraiu a atenção de populares, que foram vê-lo votar. Mais tarde, Prestes percorreu vários bairros do Rio, acompanhando a marcha do pleito, constatando o elevado índice de comparecimento às urnas e a absoluta tranqüilidade em que decorreram as eleições. Prestes durante a campanha havia dado sua contribuição para este resultado, comparecendo a dezenas de comícios, em todo o País e no Rio.



Continuará lutando

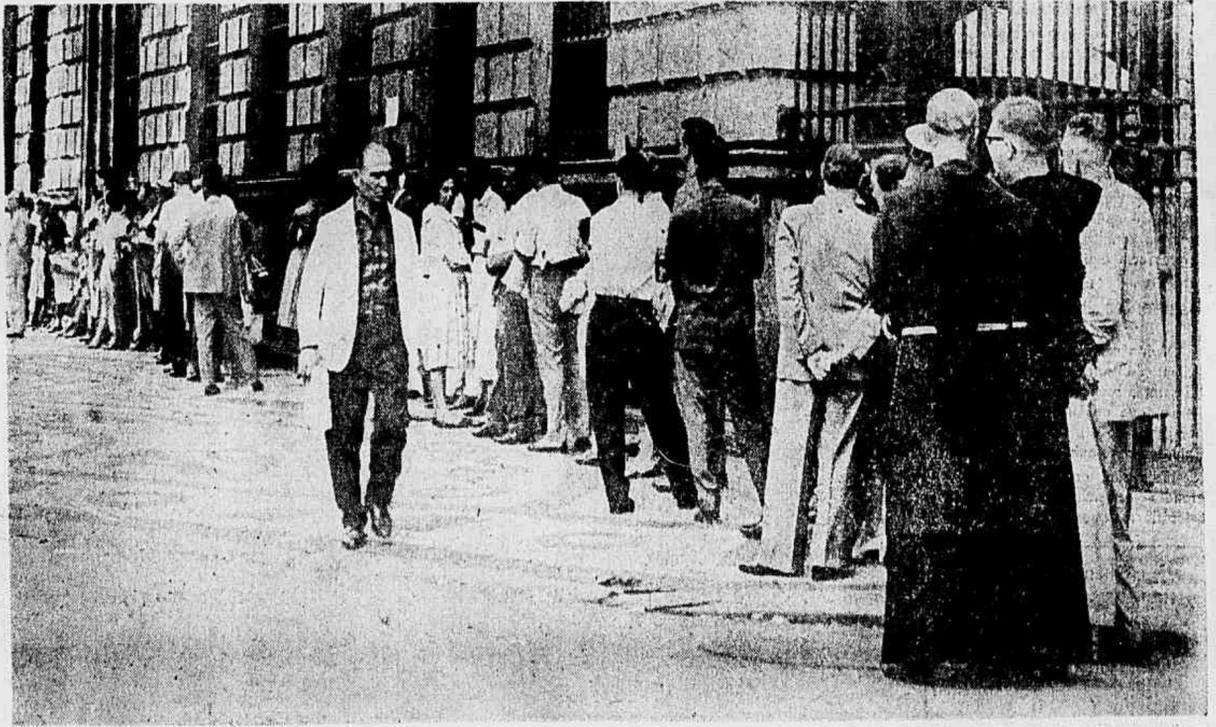
SERGIO MAGALHÃES, ao votar a 3 de outubro, reafirmou: qualquer que seja o resultado das urnas, ele continuará combatendo pela causa nacionalista de que fez bandeira para sua campanha

NOVOS RUMOS



Ambiente de calma

O tempo estava bom, a votação perfeitamente ordenada. As armas ficaram ensarilhadas e jovens desfilaram pacatamente pelas ruas (mesmo esburacadas) da antiga capital.



Sacerdotes votando

Como nos anos anteriores, a Igreja católica mobilizou também seus fiéis, para as eleições. O cardinal Câmara e dom Hélder intervieram diretamente em favor da facção janista-lacerdistas. Sacerdotes e freiras compareceram às urnas em número elevadíssimo. O hábito que envergavam equivaliam à quebra do sigilo do voto: seus candidatos eram conhecidos... Mas é provável que muitos padres, frades, e mesmo freiras tenham — quem sabe? — posto de lado as indicações de dom Hélder, pois oficialmente a Igreja é neutra...